



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA - CFP**

**GÉSSIKA ELESBÃO NASCIMENTO**

**DESIGNAÇÕES PARA *SUTIÃ*, *CALCINHA* E *CUECA* POR FALANTES DA  
CIDADE DE MUTUÍPE: PERSPECTIVA DIALETOLÓGICA**

Amargosa  
2016

**GÉSSIKA ELESBÃO NASCIMENTO**

**DESIGNAÇÕES PARA SUTIÃ, CALCINHA E CUECA POR FALANTES DA  
CIDADE DE MUTUÍPE: PERSPECTIVA DIALETOLÓGICA**

Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciada em Letras/Libras da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – Centro de Formação de Professores.

**Orientador:** Prof. Dr. Gredson dos Santos  
**Co-Orientadora:** Profa. Dra. Geisa Borges da Costa

Amargosa  
2016

**GÉSSIKA ELESBÃO NASCIMENTO**

**DESIGNAÇÕES PARA *SUTIÃ*, *CALCINHA* E *CUECA* POR FALANTES DA CIDADE  
DE MUTUÍPE: PERSPECTIVA DIALETOLÓGICA**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Letras / Língua Portuguesa / Libras pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia- Centro de Formação de Professores- UFRB-CFP.

Aprovada em \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2016.

Gredson dos Santos – Orientador \_\_\_\_\_

Doutor em Letras e Lingüística pela Universidade Federal da Bahia.

Fernanda Maria Almeida dos Santos \_\_\_\_\_

Doutora em Língua e Cultura pela Universidade Federal da Bahia.

Joana Gomes dos Santos Figueiredo \_\_\_\_\_

Mestre em Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual de Feira de Santana

## AGRADECIMENTOS

Ao meu esposo Ciro, pelo seu companheirismo. Meu amigo, meu eterno namorado.

Aos meus pais pelo amor incondicional.

À minha família Elesbão, que sempre se fez presente.

Aos meus avós, pelo carinho e cuidado.

Às minhas tias Jó e Branca, que muitas vezes foram muito mais que tias.

Aos meus primos.

Ao meu irmão Gerfesson e meu afilhado Arthur.

Aos amigos que fiz durante a faculdade e que levarei para o resto da vida; em especial às minhas amigas de todas as horas: Anastácia e Amanda.

Ao meu eterno professor, Derneval Ferreira, que tanto me ajuda nas disciplinas da vida.

Aos meus sogros pelas orações e o apoio mútuo.

Aos meus Mestres, em especial Gredson Santos e Fernanda Maria.

À minha co-orientadora neste trabalho e orientadora do Projeto de Pesquisa que deu origem a esta monografia, Geisa Borges, por todos os suportes teóricos.

*A língua é isso: a roupa que cobre o corpo, protegendo-o, mas também é aquela que faz revelar os diversos aspectos desse corpo, que ora se apresenta saliente e recatado ora se apresenta bem esculpido, sempre com diferentes formas.*

## RESUMO

A pesquisa é uma análise do léxico de dois grupos etários, que responderam o questionário semântico-lexical (QSL) do Projeto ALiB, referente ao campo semântico *Vestuários e Acessórios* e tem como principal objetivo identificar na fala dos informantes, as possíveis variantes linguísticas, existentes nas localidades pesquisadas, ao mesmo tempo em que flagrar o processo de mudança do léxico regional a partir da comparação da fala das duas gerações. Assim, neste trabalho, apresentam-se os resultados, interpretações e conclusões da aplicação de três perguntas extraídas do questionário utilizado, que foi realizado nas zonas Rural e Urbana do município de Mutuípe, cidade situada no Recôncavo da Bahia. O trabalho está baseado teoricamente em princípios da Dialetoлогия Pluridimensional contemporânea (CARDOSO, 2010; CARDOSO e MOTA, 2003). A principal questão a ser investigada diz respeito as quais itens lexicais na fala, sobretudo, na dos jovens, estão em processo de desuso. O trabalho foi desenvolvido a partir de: i) coleta de narrativas de quatro idosos, todos de baixa escolaridade, com mais de 60 anos, nascidos e residentes nas áreas rural e urbana do município, com vistas a fazer emergir vocábulos conservadores ou em desuso para serem confrontados com a fala dos jovens; ii) aplicação do QSL a quatro jovens entre 15 e 20 anos e quatro idosos acima de 60 anos, naturais da cidade pesquisada e residentes das áreas urbana e rural. iii) análise dos inquéritos. A partir desta análise, identificamos alguns termos que ficaram restritos ao espaço rural e já dão sinais de desaparecimento na fala dos jovens.

**Palavras-chave:** Dialetoлогия Pluridimensional; Variação semântico-Lexical; Campo: Vestuário e acessórios.

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Distribuição dos dados para a questão 188 segundo a variável diatópica.	42
Tabela 2– Distribuição dos dados para a questão 188 segundo a variável diageracional.	43
Tabela 3 – Distribuição dos dados para a questão 188 segundo a variável diagenérica.	45
Tabela 4 - Distribuição dos dados para a questão 189 segundo a variável diatópica.	46
Tabela 5 - Distribuição dos dados para a questão 189 segundo a variável diageracional.	47
Tabela 6 - Distribuição dos dados para a questão 189 segundo a variável diagenérica.	48
Tabela 7 - Distribuição dos dados para a questão 190 segundo a variável diatópica.	50
Tabela 8 - Distribuição dos dados para a questão 190 segundo a variável diageracional.	51
Tabela 9 - Distribuição dos dados para a questão 190 segundo a variável diagenérica	52

## LISTA DE ABREVIATURAS

ALERS	Atlas Linguístico - etnográfico da região Sul do Brasil
ALF	Atlas Linguístico de La France
ALIB	Atlas Linguístico do Brasil
ALMS	Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul
ALS	Atlas Linguístico de Sergipe
APFB	Atlas Prévio dos Falares Baianos
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
NURC	Norma Urbana Culta
QFF	Questionário Fonético-Fonológico
QMS	Questionário Morfossintático
QSL	Questionário Semântico-Lexical



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS</b> .....	12
2.1 A DIALETOLOGIA .....	12
2.2 A DIALETOLOGIA BRASILEIRA .....	16
2.3 O ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL .....	20
2.4 ESTUDOS SOCIOLINGUÍSTICOS .....	24
2.4.1 Linguagem como identidade social .....	28
2.4.2 A Variação linguística .....	29
2.4.3 Mudança versus variação diacrônica .....	31
2.5 O CAMPO SEMÂNTICO VESTUÁRIO E ACESSÓRIOS EM OUTROS TRABALHOS DA DIALETOLOGIA BRASILEIRA .....	33
<b>3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b> .....	36
3.1 A ORIGEM DA PESQUISA .....	36
3.2 A COLETA DE DADOS .....	36
3.3 MUTUÍPE: DADOS SÓCIO-HISTÓRICO-GEOGRÁFICOS .....	38
3.4 ZONA RURAL DA SERRA DA ESPERANÇA .....	39
<b>4 ANÁLISE DOS DADOS</b> .....	41
4.1 A PEÇA DO VESTUÁRIO QUE SERVE PARA SEGURAR OS SEIOS .....	41
4.1.1 A dimensão diatópica .....	41
4.1.2 A dimensão diageracional .....	43
4.1.3 A dimensão diagenérica .....	44
4.2 A ROUPA QUE O HOMEM USA DEBAIXO DA CALÇA .....	46
4.2.1 A dimensão diatópica .....	46
4.2.2 A dimensão diageracional .....	47
4.2.3 A dimensão diagenérica .....	48
4.3 A ROUPA QUE A MULHER USA DEBAIXO DA SAIA .....	49
4.3.1 A dimensão diatópica .....	49
4.3.2 A dimensão diageracional .....	51
4.3.2 A dimensão diagenérica .....	52
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	55
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	57

## 1 INTRODUÇÃO

A Variação Linguística consiste nas alterações e diferenciações que uma língua sofre por fatores diversos, tanto linguísticos como sociais, tais como: o contexto sócio histórico, geográfico, cultural, econômico dentre outros. Essas variações são notadas por falantes da mesma língua, mas, como afirma Saussure (2006, p. 12), “a Língua consiste num ato coletivo convencionado por determinados grupos para exercer a faculdade da linguagem, e, a Fala consiste num ato individual de cada usuário de uma língua”. Sendo assim, a fala passa ser uma espécie de identidade do indivíduo.

A Dialetoлогия analisa a variações em âmbito regional, isto é, conforme sua “distribuição espacial, sociocultural e cronológica” (Cardoso, 2010, p. 15.). Através da análise lexical, esta corrente linguística verifica a carga sociocultural implícita no repertório lexical de cada lugar. O Repertório Lexical corresponde ao acervo vocabular de usuários de uma língua, referente ao grupo em que se encontram, podendo variar esse acervo de um grupo para outro em que os indivíduos permeiam.

Sendo assim, o presente trabalho tem por objetivo analisar parcialmente o repertório lexical de oito pessoas das faixas etárias entre 15 a 20 anos e acima de 60 anos, quatro do sexo feminino e quatro do sexo masculino, de baixa escolaridade, da Zona Urbana e Zona Rural da cidade de Mutuípe, cidade localizada no Recôncavo da Bahia. A entrada em campo ocorreu mediante a autorização dos sujeitos pesquisados para a gravação e anotações dos questionários. Assim, objetiva-se identificar na fala dessas pessoas, as possíveis variantes linguísticas, existentes nas localidades pesquisadas, ao mesmo tempo, busca-se flagrar o processo de mudança do léxico regional a partir da comparação da fala das duas gerações.

Esta pesquisa baseou-se em um estudo léxico-semântico de perspectiva onomasiológica. O *corpus* do trabalho foi constituído através da aplicação de três questões referentes ao campo semântico Vestuários e Acessórios: 188. Que peça do vestuário serve para segurar os seios? 189. Que roupa o homem usa debaixo da calça? 190. Que roupa a mulher usa debaixo da saia?.

As perguntas tiveram como base o questionário semântico-lexical do Projeto Atlas Linguístico do Brasil. Os sujeitos da pesquisa foram assim distribuídos: quatro idosos, dois do sexo masculino e dois do sexo feminino, e quatro jovens, também dois do sexo masculino e dois do sexo feminino. A seleção dos sujeitos com diferentes gêneros e de diferentes localidades contribuiu para verificar se essas variáveis sociais constituem diferenças significativas no que se refere à variação linguística em nível lexical.

O interesse desse trabalho decorre do fato de o léxico possibilitar a observação da leitura que uma comunidade faz de seu contexto e a preservação de parte da memória sócio-histórica e linguístico-cultural da comunidade, além de permitir o registro e a documentação da diversidade lexical e geolinguística do português falado no Brasil. Realizar este trabalho também pode contribuir com o objetivo mais amplo do Projeto ALiB: “descrever a realidade linguística do Brasil, no que tange à língua portuguesa, com enfoque prioritário na identificação das diferenças diatópicas (fônicas, morfossintáticas, léxico-semânticas eprosódicas) consideradas na perspectiva da geolinguística” (Cardoso, 2010, p.169).

Assim, o trabalho considera relevante o seguinte problema: **haverá diferença do ponto de vista léxico-semântico entre falantes jovens e idosos, das áreas rurais e urbanas no que diz respeito aos campos de Vestuários e Acessórios?**

O trabalho apresenta dados e análise referentes a pesquisa constituída através da aplicação de três questões referentes ao campo semântico *Vestuários e Acessórios* e está organizado da forma a seguir descrita.

O segundo capítulo do trabalho apresenta referências e conceitos de pressupostos teóricos sobre a Dialectologia e a Sociolinguística, e suportes teóricos complementares que discutem sobre a Linguagem como identidade social, Variação Linguística e Variação e Mudança.

O terceiro capítulo apresenta os procedimentos metodológicos, assim como, a localização geográfica da cidade de Mutuípe, retomando brevemente, a história da formação da cidade, assim como, da região analisada a Serra da Esperança.

O quarto capítulo apresenta a análise linguística, pretendida ao longo da pesquisa, que é a de investigar os aspectos semântico-lexicais na fala dos moradores das zonas rural e urbana da cidade de Mutuípe, organizados por tabelas.

Assim, pretende-se identificar na fala dos usuários da língua materna, as possíveis variantes linguísticas, existentes nas localidades pesquisadas, ao mesmo tempo em que flagrar o processo de mudança do léxico regional a partir da comparação da fala das duas gerações.

## 2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Este capítulo apresenta conceitos teóricos que embasam este trabalho, de acordo com os fundamentos da Dialetoologia Pluridimensional. Segundo Cardoso (2010), a Dialetoologia estuda, prioritariamente, a variação diatópica, sem desconsiderar os aspectos contextuais da linguagem. É importante dizer que as considerações apresentadas a seguir se configuram numa resenha das obras de Almeida (2000), Bagno (1999) e (2007), Brandão (1991), Cardoso (2010), Cagliari (1991), Costa (2016), Ferreira e Cardoso (1994), Ferreira e Mota (2003), Lucchesi (2001), Mattos e Silva (1996) e (2006), Mota e Cardoso (2006), Mollica (2003), oliveira e Isquierdo (2003), Rodrigues (2004), Tarallo (1986) e (2001).

### 2.1 A DIALETOLOGIA

O termo *Dialetoologia*, segundo o *Dicionário de Linguística* de Dubois (2004), nomeia a disciplina que assumiu a tarefa de descrever comparativamente os diferentes sistemas ou dialetos em que uma língua se diversifica no espaço, e de estabelecer-lhe os limites.

Os estudos dialetológicos propriamente ditos vêm a se iniciar no século XIX, traçando com eficácia os rumos do novo ramo dos estudos da linguagem. O estudo sistemático das variações, sobretudo de natureza geográfica, foi formalizado, pela época em que as investigações no campo da linguagem se desenvolviam de acordo com o método histórico-comparativo.

Para Brandão (1991), o interesse pelos estudos dialetais visavam basicamente reconstruir a protolíngua do indo-europeu, surgindo como uma forma de se conhecer a maneira como as transformações iam acontecendo nas línguas.

Ainda que os estudos dialetais estivessem presentes desde as primeiras incursões sobre a linguagem, é no final do século XIX que os estudos dialetais tomam impulso, com trabalhos mais sistemáticos acerca da variação espacial, através de uma metodologia própria.

De acordo com Brandão (1991, p. 8),

E no final do século XIX, que dois fatos contribuem para incentivar os estudos dialetais: a) o interesse dos neogramáticos, a partir de falas locais, de confirmar a teoria de que as alterações fonéticas obedeciam a leis rígidas, que, à semelhança das leis naturais não admitiam exceções; b) a conferência de Gaston Paris, intitulada “Os falares da França”, a qual se acentuou a necessidade de se estudarem os *patois* franceses com o rigor exigido pelas ciências naturais e obedecendo a uma metodologia definida.

Ainda de acordo com a autora, coube a Jules Gilliéron, considerado o fundador da geografia linguística, o mérito de consolidar definitivamente a aplicação do método da investigação científica.

O *Atlas Linguistique de La France*, resultou da constante preocupação de Gilliéron com questões dialetais e com a ajuda financeira do Ministério de Instrução Pública e a colaboração de Edmond Edmond, que em 1897, pôde-se dar início à recolha de dados.

Com base nos dados descritos em cartas que compõe o ALF, Gilliéron escreveu ensaios e artigos que demonstravam a inconsistência dos princípios em que se fundamentava a doutrina dos neogramáticos, sempre ressaltando a importância de se estudarem os fatos linguísticos levando em conta sua distribuição espacial (BRANDÃO, p. 10-11).

Os fatores de ordem sociocultural se fez presente desde o início dos estudos dialetais, porém, os primeiros trabalhos dialetológicos buscavam descrever a variabilidade linguística associada às diferenças espaciais. A Dialetologia, em seus primórdios, priorizou a dimensão diatópica da variação linguística, numa perspectiva eminentemente monodimensional.

De acordo com Costa (2016), o interesse inicial da Dialetologia era catalogar os usos linguísticos dos falantes situados em áreas distantes dos centros urbanos, pois estes mantiveram em sua fala variantes linguísticas mais conservadoras, pelo fato de fazerem parte de uma rede social mais densa e sofrerem, em menor grau, a influência linguística provenientes do meio de comunicação e dos indivíduos mais escolarizados e com um repertório cultural mais amplo.

Somente no século XX, a Dialetologia amplia seu foco de interesse para além dos espaços geográficos, e, embora sua face social estivesse presente desde o princípio dos estudos, os aspectos sociais passam a ser controlados sistematicamente juntamente com a distribuição espacial. Desse modo, os estudos dialetais voltam-se também à diversidade da fala que representa os centros urbanos e os contextos socioculturais da contemporaneidade (COSTA, 2016, p. 19).

De acordo com Cardoso (2010, p. 17),

Há dois aspectos fundamentais na gênese da Dialetologia, qualquer que seja o princípio metodológico seguido: o reconhecimento das diferenças ou das igualdades que a língua reflete e o reconhecimento das relações entre as diversas manifestações linguísticas documentadas ou entre elas a ausência de dados registrados, circunscritos a espaços e realidades prefixadas.

Ao estudar a língua, instrumento responsável pelas relações sociais que se documentam entre membros de uma coletividade ou entre povos, para Cardoso (2010), a Dialetologia não pode deixar passar ao largo a consideração de fatores extralinguísticos, inerentes aos falantes, nem relegar o reconhecimento de suas implicações nos atos de fala.

Segundo a autora, idade, gênero, escolaridade e características gerais de cunho sociocultural dos usuários das línguas consideradas tornam-se elementos de investigação, o que de fato levaria a pensar numa confluência de objetivos entre a Dialetoлогия e a Sociolinguística, ambas perseguindo a variação, ambas mantendo sob controle variáveis diversas.

Os objetivos da Dialetoлогия e a Sociolinguística são, entretanto, perfeitamente delineáveis, ainda que se reconheça com Cardoso (2010 apud FERREIRA e CARDOSO, 1994, p. 19) que

Na verdade, definir objeto e metas dos vários ramos da ciência linguagem, como aliás em qualquer ciência, é sempre muito difícil porque são fluidos ou pouco nítidos esses limites, mas fluidos e pouco nítidos se tornam quando se fala de dialetoлогия e sociolinguística que têm - ambas - como objetivo maior o estudo da diversidade da língua dentro de uma perspectiva sincrônica e concretizada no atos de fala.

Assim, para a larga tradição da Dialetoлогия chama a atenção Corvalan (1988, p. 8), destacando a importância da contribuição que trouxe à sociolinguística e à linguística geral, vindo afirmar que,

Sociolinguística e Dialetoлогия se têm considerado até certo ponto sinônimas uma vez que ambas as disciplinas estudam a língua falada, o uso linguístico e estabelecem as relações que existem entre certos traços linguísticos e certos grupos de indivíduos. Assim como a Sociolinguística, a Dialetoлогия reconheceu desde cedo a existência da heterogeneidade linguística.

Para Cardoso (2010), apesar de consideradas até certo ponto sinônimas, a Dialetoлогия e a Sociolinguística, ao se ocuparem da diversidade de usos da língua, atribuem um caráter particular e individualizante no tratamento do seu objeto de estudo.

Segundo a autora, a Dialetoлогия e a Sociolinguística se distinguem na forma de tratar os fenômenos e na perspectiva que imprimem à abordagem dos fatos linguísticos. A Dialetoлогия tem como base da sua descrição a localização espacial dos fatos considerados, caracterizando-se como eminentemente diatópica. A Sociolinguística, ainda que estabeleça a intercomparação entre dados diferenciados do ponto de vista espacial, centra-se na correlação entre os fatos linguísticos e os fatores sociais, priorizando, as relações sociolinguísticas.

A Dialetoлогия tem, assim, duas diretrizes, que se identificam nos estudos dialetais, a perspectiva diatópica e o enfoque sociolinguístico. Porém, segundo Cardoso (2010), as diferenças espaciais ganham destaque em relação às demais porque, na realidade dos fatos, as evidências de aproximação ou distanciamento dos fenômenos assumem expressão de maior nitidez e de mais fácil percepção nos espaços físicos, portanto geográficos.

A linguagem configura-se como um dos aspectos que melhor reflete a cultura de uma comunidade, e, sendo a língua, a um só tempo, meio de ação e produto dessa cultura, ela funciona como elemento de identificação social, podendo sofrer alterações devido a fatores históricos, sociais, culturais e geográficos.

Portanto, não se pode considerar a linguagem fora do contexto geossociocultural em que está inserida, na medida em que sua função seria não apenas transmitir informações, como também estabelecer e manter contatos sociais e culturais entre os falantes. Assim como, não se pode também deixar de lado o fato de que ela vai acompanhar e refletir os padrões de comportamento e valores socioculturais e identitários de uma dada comunidade de fala.

Segundo Cardoso (2010),

O espaço geográfico evidencia a particularidade de cada terra, exibindo a variedade que a língua assume de uma região para outra, como forma de responder à diversidade cultural, à natureza da formação demográfica da área, à própria base linguística preexistente e à interferência de outras línguas que se tenham feito presentes naquele espaço no curso de sua história (CARDOSO, 2010, p. 15).

Dessa forma, é que algumas ciências linguísticas como a Dialetoлогия (FERREIRA e CARDOSO, 1994) vão incluir o estudo sistemático da variação linguística no interior de seu aparato teórico-metodológico, empreendendo suas análises a partir de uma compreensão da natureza multifária do fenômeno linguístico. Ao adotar essa perspectiva, a Dialetoлогия atual, chamada hoje de Dialetoлогия Pluridimensional (CARDOSO e MOTA, 2003; OLIVEIRA e ISQUERDO, 2003), passam a considerar imprescindível para o estudo da linguagem a relação existente entre língua, fatores regionais e de ordem sociocultural.

A Dialetoлогия tem por objetivo identificar, descrever e situar os diferentes usos em que a língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica. De acordo com Cardoso (2010), o interesse, contudo, por esse tipo de informação está não apenas no registro de dados intercomparáveis, mas também na verificação de sua ausência. Para a autora, “o vazio geográfico é denunciador de informações, as mais diversas e pertinentes para o confronto linguístico, do mesmo modo que o registro de usos” (CARDOSO, p. 15).

No quadro da Dialetoлогия Pluridimensional, o nível lexical da língua é considerado o retrato da cultura de um povo, refletindo aspectos vinculados às experiências sociais e culturais de uma comunidade, pois, ao escolher formas linguísticas para nomear os referentes do mundo físico e do universo simbólico, o indivíduo revela não somente a sua percepção da

realidade, mas compartilha valores, práticas culturais e crenças do grupo social em que se enquadra.

Dessa forma, percebe-se que na fala das pessoas transparecem não só os valores, as crenças, os hábitos, mas também as inovações tecnológicas, as transformações políticas ocorridas em uma sociedade.

## 2.2 A DIALETOLOGIA BRASILEIRA

Segundo Cardoso (2010), os estudos dialetais no Brasil têm o seu começo na contribuição do visconde de Pedra Branca, Domingos Borges de Barros, ao *Atlas Ethnographique du Globe*, de Adrien Balbi, publicado em 1826. E, a partir de então, manifestações diversas sobre a língua portuguesa no Brasil foram surgindo para o conhecimento sistematizado dos interessados.

Para a autora, os estudos de caráter semântico-lexical mostraram caminhos diversificados, passando a seguir, à investigação mais aprofundada de áreas e localidades, examinadas nos diferentes níveis que a língua oferece: no âmbito fonético, morfológico, sintático, semântico, lexical, prosódico. Porém, é em meados ao século XX que aparecem as primeiras preocupações consistentes com relação à geografia linguística no Brasil, surgindo o desejo da realização de um atlas linguístico nacional, empreendendo-se a concretização de atlas regionais.

Segundo Ferreira e Cardoso (1994), o início da história dos estudos dialetais no Brasil, atribui-se a três diferentes etapas propostas por Nascentes (1952, 1953), considerando-se, em cada uma delas, o desenvolvimento observado dentro da moderna orientação Geolinguística pluridimensional, concebida não como um ramo dos estudos linguísticos voltado exclusivamente para as questões diatópicas.

Para as autoras, das três etapas, reformuladas e periodizadas, propostas por Nascentes (1952), estabelecem que apenas duas grandes fases para os estudos dialetais no Brasil. A primeira fase, que se estende de 1826 a 1920, basicamente, com a realização de estudos do léxico do português do Brasil, com a produção de trabalhos de caráter lexicográfico, como dicionários, glossários e estudos sobre o léxico regional. Destacando-se nessa fase, o primeiro estudo de natureza gramatical, *O idioma hodierno de Portugal comparado com o do Brasil*, realizado por José Jorge da Silva, trabalho que retrata os diferentes aspectos da variação do português do Brasil comparando-os com o português de Portugal.



A segunda fase inicia-se com a publicação de *O dialeto caipira* de Amadeu Amaral e se estende de 1920 até 1952, momento em que se dão os primeiros passos para o sistemático desenvolvimento da geolinguística em território brasileiro.

É importante ressaltar que segundo Cardoso (2010), “a publicação do *O dialeto caipira*, nasceu da preocupação com o processo de dialetação do português brasileiro, sobre o qual e até aquela época se sabia ou se tinha escrito” (CARDOSO, 2010, p. 134).

Parafraseando a autora, *O dialeto caipira*, buscando situar o falar carioca no quadro que se estendia como o falar brasileiro e apresentando com uma divisão dos falares brasileiros em dois grandes grupos, os falares do norte e os falares do sul, dois anos após a publicação do *O dialeto caipira*, Antenor Nascentes publica *O linguajar carioca em 1922*, obra que, a partir da segunda edição, passa a chamar-se de *O linguajar carioca*.

De acordo com Cardoso (2010), Nascentes preocupa-se inicialmente, em definir o que entende por falar brasileiro e em procurar situar o linguajar carioca no conjunto desses falares. Assim, discutindo ainda, o processo de dialetação do português do Brasil, apresenta uma divisão dos falares brasileiros.

Observa em leituras feitas de Cardoso (2010); Ferreira e Mota (2003), que a segunda fase é marcada pela produção de trabalhos de cunho monográfico que buscam fazer a descrição da realidade linguística de áreas específicas, não apenas do ponto de vista semântico-lexical, como os estudos da fase anterior, mas também enfocando os níveis fonéticos-fonológicos e morfossintáticos.

Segundo Ferreira e Cardoso (1994), a terceira fase caracteriza-se pela produção de trabalhos com base em *corpus* constituído de forma sistemática e é marcada pelo início das preocupações com o desenvolvimento e implementação dos estudos geolinguísticos no Brasil. Para a autora, é nessa linha, que manifesta-se a intenção de elaborar atlas linguísticos do Brasil que toma forma com um marco, o ato do governo brasileiro, o decreto nº 30.643, de 20 de março de 1952, de que a finalidade principal da Comissão de Filologia da Casa de Rui Barbosa deveria ser a elaboração do atlas linguísticos do Brasil.

Além do decreto, esse período é marcado pelo início sistemático dos estudos baseados na geografia linguística. De acordo com Ferreira e Cardoso (1994), a geografia linguística no Brasil não teria encontrado desenvolvimento sem o trabalho relevante e pioneiro dos que com ela se sentiam comprometidos. E dentre esses, para as autoras, quatro nomes merecem destaque especial pelo trabalho realizado, pelo empenho na defesa da questão dialetal e pela contribuição definitiva na implementação dos estudos de geografia linguística: Antenor Nascentes, Serafim da Silva Neto, Celso Cunha e Nelson Rossi, através da produção de vários atlas linguísticos estaduais e regionais, como o *Atlas Prévio dos Falares Baianos*, *Atlas*

*Linguísticos de Sergipe, Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais, Atlas Linguístico da Paraíba, Atlas Linguístico do Paraná.*

Parafraseando as autoras, é Antenor Nascentes que estabelece passos fundamentais para o início do trabalho da geografia linguística, com a publicação de *Bases para a elaboração do atlas linguísticos do Brasil*, em 1958. O interesse pelas questões de dialetologia brasileira sempre esteve presente em sua obra e foram da sua parte, motivo de anotação, os fenômenos linguísticos que no campo da fonética, como da morfologia, da sintaxe e do léxico. Entretanto, sua visão ia mais longe, entendia que o conhecimento efetivo do português no Brasil somente se daria no momento em que se tivesse descrito a língua em todo território nacional.

Segundo Cardoso (2010), é Serafim da Silva Neto, a figura de destaque no que se identifica como a terceira fase dos estudos dialetais no Brasil, com uma produção da qual se destacam a *Diferenciação e unificação do português do Brasil e Capítulos da história da língua portuguesa falada no Brasil*, publicados em 1946 e, posteriormente, em 1950, reunidos na *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*. Segundo Ferreira e Cardoso (1994), Serafim da Silva Neto, defendeu, a cada momento, a necessidade e a urgência de se estudarem os falares brasileiros e deu conselhos muito objetivos para concretizar a sua recomendação, sendo um grande incentivador da realização do atlas linguístico sem deixar de enfatizar a importância dos estudos dialetológicos nas suas diversas modalidades.

Ainda segundo as autoras, preocupado com as questões relativas a uma política de conhecimento da língua portuguesa, Celso Cunha tinha presente a necessidade de empreender-se a execução do Atlas linguístico do Brasil, reconhecendo, porém, que a impraticabilidade de realização de um atlas nacional indicava o caminho da construção de atlas regionais. Tornou-se assim, um incentivador da implantação da geografia linguística no Brasil e acompanhou, *Atlas Prévio dos Falares Baianos*, e o *Atlas Linguísticos de Sergipe*.

Segundo Ferreira e Cardoso (1994), não foram apenas os estudos dialetais que ficaram a dever de Celso Cunha, a Sociolinguística no Brasil encontrou nele, um empenho pela sua implementação. Assim, tornou-se um dos principais responsáveis pelo desenvolvimento do Projeto de Estudo da Norma Urbana Culta, o Projeto NURC.

Faz-se necessário destacar, que o primeiro atlas linguísticos produzido no Brasil, foi o *Atlas prévio dos falares baianos* (APFB), o primeiro passo concreto, no campo da geolinguística, vindo a ser dado por Nelson Rossi, que publica, com a coautoria de Dinah Isensee e Carlota Ferreira, em 1963. Assim, inicia Rossi o seu trajeto da Dialetologia na Bahia, tornando-se pioneiro na aplicação da geografia linguística no Brasil colocando-se entre

os que, com maior rigor científico e precisão metodológica, se empenharam na implementação dos estudos dialetais.

Segundo Cardoso (2010), o APFB, ao lado dos dados estritamente linguísticos, traz nas suas cartas dados etnográficos, muitos deles acompanhados de ilustrações de objetos segundo a descrição que apresentavam os informantes ou pela exibição que deles faziam.

Após a publicação do *Atlas prévio dos falares baianos*, foi executado pelo grupo de pesquisadores da Bahia, tendo como autores, Carlota Ferreira, Jacyra Mota, Judith Freitas, Nadja Andrade, Suzana Cardoso, Vera Rollemberg e Nelson Rossi, a elaboração de mais um atlas regional no Brasil, o *Atlas linguístico de Sergipe (ALS)*, publicado somente em 1987 por dificuldade de financiamento.

De acordo com Cardoso (2010), a escolha pela Estado de Sergipe para dar prosseguimento ao trabalho feito na Bahia deve-se à comunidade geográfica, à maior facilidade de acesso, pois foi realizado pela mesma a equipe de pesquisadores do APFB, e ao fato de estar incluído na área do “falar baiano”, segundo divisão de Nascentes.

Ainda segundo a autora, os atlas da Bahia e Sergipe seguiram uma mesma orientação, com modificações em Sergipe que refletem avanços nos passos metodológicos. Com eles, passa-se a ter uma visão, de certo modo extensa, do que se constitui a área dos “falares baianos”, segundo os dados que se apresentam no *Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais* dos autores José Ribeiro, Mário Zágari, José Passini e Antônio Gaio.

Após o APFB e o ALS, outros atlas foram sendo publicados na história da geografia linguística no Brasil, como o *Atlas linguístico do Paraná*, apresentado inicialmente como tese de doutorado de Vanderci de Andrade Aquilera em 1994, o *Atlas linguístico-etnográfico da região Sul do Brasil (ALERS)*, que tem como autores Walter Koch, Mário Silfredo Klassmann e Cléo Volson Altenhofen, publicado em 2002, em 2004, coordenado por Abdelhak Razky, é publicado o *Atlas linguístico sonoro do Pará*, tratando do primeiro atlas sonoro brasileiro e tem o mérito de fornecer aos consulentes, de forma ágil e precisa, informações de natureza fonética, permitindo a audição das respostas dadas por cada informante registrado. Em 2005, Suzana Alice Marcelino Cardoso, publica o *Atlas linguístico de Sergipe II*, apresentando inicialmente como tese de doutorado. Em 2008, tendo como organizador Dercir Pedro de Oliveira, publica-se o *Atlas linguístico de Mato Grosso do Sul (ALMS)*.

Logo após tecer a primeira parte sobre a pronúncia brasileira, passando à segunda parte, identificada como a expressão do pensamento, a qual trata de questões relativas ao léxico, a morfossintaxe e ao estilo, marcada pela produção de trabalhos de cunho monográfico que buscam fazer a descrição da realidade linguística de áreas específicas, para Ferreira e

Mota (2003), é preciso reformular a divisão apresentada por Nascentes propondo mais uma etapa para a periodização dos estudos linguísticos, com a finalidade de identificar e demarcar as três diferentes tendências dominantes em cada uma das épocas consideradas.

Retomando a divisão de Ferreira e Cardoso (1994), Mota e Cardoso (2006), estabelecem um corte, propondo a inserção de uma quarta fase na evolução dos estudos dialetais, que se iniciaria em 1996, a partir da implementação do *Projeto Atlas Linguístico do Brasil* incorporando-se alguns princípios utilizados pela Sociolinguística e configurando-se como um atlas linguístico pluridimensional.

### 2.3 O ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL

Segundo Cardoso (2010), os atlas de cunho regional vem juntar-se a um projeto de caráter nacional, o *Atlas Linguístico do Brasil* (Projeto ALiB), empreendimento de maior amplitude que tem por meta a realização de um atlas geral no Brasil no que diz respeito à realidade da língua portuguesa.

Desejo que permeia a atividade dialetal no Brasil, pelo menos desde 1952, ganha corpo, a partir da iniciativa do grupo de pesquisadores do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, assumindo atitude pioneira ao empreender a concretização dessa proposta, que se realiza como projeto conjunto que envolve dezessete instituições universitárias brasileiras (CARDOSO, 2010, p. 167).

De acordo com Cardoso (2010), a retomada da ideia de elaboração de um atlas linguístico nacional foi aprovada em novembro de 1996, por ocasião da realização do *Seminário Caminhos e perspectiva para a geolinguística no Brasil* na cidade de Salvador, com participação de pesquisadores na área de diferentes regiões brasileiras e com o assessoramento do Prof. Michel Contini, da Universidade de Grenoble.

O projeto ALiB é o resultado de um desejo que visou realizar atlas linguístico do Brasil e defende uma política de integração e coordenação do trabalho no campo da geolinguística no território nacional.

Segundo Cardoso e Mota (2003, p. 40), fundamentado em tais razões, o Projeto ALiB, tem por objetivo, descrever a realidade linguística do Brasil, no que tange a língua portuguesa, com enfoque na identificação das diferenças diatópicas, diastráticas e diageracionais, assim como, oferecer aos estudiosos da língua portuguesa, aos pesquisadores das áreas e afins, e aos pedagogos, subsídios para o aprimoramento do ensino/aprendizagem e para uma melhor interpretação do caráter multidialetal do Brasil. Cardoso e Mota (2003, p. 40-41) ainda definem que os objetivos específicos do Projeto são:

- descrever a realidade linguística do português do Brasil com vistas a identificar fenômenos fonéticos, morfossintáticos, lexicais e semânticos característicos da diferenciação ou definidores da unidade linguística no território nacional;
- estabelecer isoglossas, com vistas a traçar a divisão dialetal do Brasil, tornando evidentes as diferenças regionais através de resultados cartografados em mapas linguísticos e de estudos interpretativos de fenômenos considerados;
- identificar, com base nas análises em tempo aparente, processos de mudança;
- registrar fenômenos linguísticos localizados e específicos de áreas com vistas a estudar as suas repercussões no ensino-aprendizagem da língua materna;
- examinar os dados coletados na perspectiva de sua interface com outros ramos do conhecimento com vistas a fundamentar e definir posições teóricas sobre a natureza da implantação da língua portuguesa no Brasil;
- oferecer aos interessados nos estudos linguísticos um amplo volume de dados e aos diversos profissionais da área um conhecimento aprofundado da realidade linguística brasileira;
- contribuir para o entendimento da língua portuguesa no Brasil como um instrumento social de comunicação diversificado, possuidor de várias normas mas dotado de uma unidade sistêmica.

Os objetivos do Projeto ALiB foram instituídos pelo Comitê Nacional e representam um enorme desafio que vem sendo perseguido por todos aqueles que se interessam pelo conhecimento da realidade linguística brasileira.

O Projeto fundamenta-se nos pressupostos da Geografia Linguística, concebida por Gilliéron, e aplicados, de início, no *Atlas Linguistique de la France* (1902-1910) e procura valer-se das diferentes linhas de aperfeiçoamento do método, voltadas para a conjugação de fatores de ordem diatópica àqueles de ordem sociolinguística.

O Projeto ALiB iniciou nos últimos anos do século XX, e beneficia-se dos avanços tecnológicos da Geolinguística pluridimensional contemporânea, e, como outros atlas atualmente em andamento – o *Atlas Linguístico Diatópico y Diastrático del Uruguay*.

No que se refere à natureza e tratamento de dados, o Atlas Linguístico do Brasil constitui-se em um atlas de terceira geração, por aliar o parâmetro diatópico aos aspectos diagenéricos, diageracionais e diastráticos, permitindo que se possa fazer a audição dos dados linguísticos de natureza fonético-fonológico, semântico-lexical, morfossintática, pragmática e metalinguística. Assim, os dados são acompanhados de comentários interpretativos e podem ser publicados de forma impressa ou em formato digital.

Consciente da importância da continuidade aos estudos desenvolvidos por Nascentes (1952), que propôs a primeira identificação e divisão das áreas dialetais para o Brasil, o

Comitê Nacional do Projeto ALiB traçou objetivos gerais e específicos que estão orientando a documentação da realidade linguística do Brasil.

Segundo Cardoso; Mota (2003), a metodologia do projeto ALiB, não pode buscar apenas o levantamento da variação diatópica, mas, tanto quanto possível, devem apresentar e analisar também outras variações, entre as quais se destacam a de gênero, a geracional e a estrática. Assim, procedeu-se com base em tais pressupostos, à definição do número e perfil dos informantes que contribuirão a amostra linguística, da rede de pontos a ser pesquisada, assim como à preparação dos questionários linguísticos.

Em pesquisas geolinguísticas é de suma importância a definição do perfil dos informantes que fornecerão os dados de língua oral que serão documentados pela equipe do projeto. Há uma ficha do informante que deve ser devidamente preenchida, antes mesmo de iniciado o inquérito, pois funciona como um cadastro que confirmam ou não o perfil do informante, evitando assim que se realize inquéritos que não poderão integrar o *corpus* do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (CARDOSO; MOTA, 2004, p. 31-33).

Quanto a Rede de pontos, de acordo com Cardoso; Mota (2004), o projeto ALiB não prioriza o critério da antiguidade e grau de isolamento com relação a centros mais desenvolvidos na região, de forma contrária a trabalhos dialetológicos tradicionais. O projeto investiga a diversidade diatópica sob orientação contemporânea, entendendo que um Atlas linguístico deva refletir a imagem real da pluralidade e inter-relações dos fenômenos da variação em termos sociais e espaciais, de acordo com as localidades pesquisadas, incluindo, além das capitais, cidades de médio e de grande porte.

Assim, para a autora, a definição dos pontos a serem devidamente estudados baseou-se nos seguintes critérios: análise da proposta de pontos apresentados por Nascentes (1958, p. 19-22); exame da rede de pontos de Atlas regionais brasileiros publicados; conhecimento sistemático da história, do povoamento e do processo de desenvolvimento das diferentes áreas brasileiras”. Levou-se em consideração a densidade geográfica de cada região e de cada estado, além da distribuição espacial das localidades. Foram considerados também como critérios: “i) existência de zonas dialetais já delimitadas através de pesquisas anteriores: ii) importância da localidade do estado ou na região, incluindo-se capitais de Estado e cidades de médio e grande porte, sociolinguisticamente representativas; iv) limites interestaduais e internacionais” (CARDOSO; MOTA, 2004, p. 42).

De acordo com Cardoso; Mota (2004, p. 42-43), no que se refere ao Perfil dos informantes, segue alguns critérios para a análise da variação diageracional. O projeto ALiB, estabeleceu o número de oito informantes nas capitais de Estado e quatro nos demais pontos, distribuídos de forma igual quanto ao sexo, obtendo-se um total de quinhentos e cinquenta e

dois homens e quinhentos e cinquenta e duas mulheres, distribuídos em duas faixas etárias: uma mais jovem, de 18 a 30 anos, e uma mais velha, de 50 a 65 anos. Os informantes deverão ser inseridos no contexto social e possuírem profissão definida, que não exija muita modalidade, como caminhoneiros e viajantes. No que se refere aos questionários, Cardoso; Mota (2004) ressaltam que para se formular um questionário é necessário verificar o conteúdo das questões e sua clareza, direcionando-as para que atinja os objetivos esperados em relação ao levantamento de dados a que se propõe. O questionário deve ser o mais objetivo possível, descrevendo as características e medindo determinadas variáveis de um grupo social.

Assim, tomando por base a proposta de Nascentes (1958), a análise dos questionários de Atlas regionais já publicados no Brasil, o questionário linguístico do projeto *Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza e do Atlas Linguistique Roman* foi elaborada a primeira versão do questionário do Projeto ALiB, que depois de revisada e testada, foi publicada em 1998. A segunda versão, publicada em 2000, foi fruto das discussões dos resultados e aplicações dos questionários por meio de inquéritos experimentais. Já a versão definitiva, publicada em 2001, resultou da ampla discussão pelas equipes regionais e em workshops nacionais com bases em testagens realizadas em todo território brasileiro. As três versões do questionário foram publicadas pela editora da Universidade Estadual de Londrina.

O questionário semântico-lexical está organizado em torno de catorze campos semânticos, conforme se pode observar no quadro a seguir:

Quadro 1 – Campos Semânticos do Questionário Semântico-Lexical do Projeto ALiB

CAMPOS SEMÂNTICOS	Nº DE QUESTÕES
Acidentes geográficos	06
Fenômenos atmosféricos	15
Astros e tempo	17
Atividades agropastoris	25
Fauna	25
Corpo humano	32
Ciclos da vida	15
Convívio e comportamento social	11
Religião e crenças	08
Jogos e diversões infantis	13
Habitação	08
Alimentação e cozinha	12
Vestuários e acessórios	06
Vida urbana	09

Fonte: COSTA (2016, p. 33)

O Questionário Linguístico do Projeto ALiB contém três tipos de questionários: o questionário *fonético-fonológico* (QFF), com 159 perguntas, além de questões prosódia, relativas à natureza das frases interrogativas, afirmativas e imperativas; o *morfossintático* (QMS), com 49 perguntas, que apuram as variantes diatópicas, como a utilização ou não do artigo antes de nomes próprios e o uso de tu ou você como segunda pessoa, além da flexão de gênero e número e concordância; e o *questionário semântico lexical* (QSL), com 202 questões, que tem a finalidade de obter designações diferentes para um mesmo conceito, objeto, coisa ou acontecimento.

Com vistas a rever diferentes situações linguístico-culturais que podem ocorrer numa entrevista e ainda tornar mais fácil a comunicação entre o informante e o entrevistado, tornando o inquérito o mais próximo possível de uma conversa informal, a equipe de pesquisadores continua analisando as entrevistas com o intuito de desenvolver habilidade para resolver casos difíceis ligados a ruídos durante a comunicação entre entrevistado. Tem-se buscado também minimizar possíveis dificuldades quanto à elaboração de perguntas que ainda geram dificuldades de entendimento por parte dos informantes, por meio de outras alternativas para a formulação das questões (RODRIGUES, 2004, p.94).

O questionário objetiva, enfim, recolher a fala coloquial do informante, utilizada de forma geral na localidade, não necessariamente um regionalismo ou linguagem especial de determinado grupo. Além dos QFF, do ASL e do QMS, contém questões de cunho pragmático; perguntas de natureza metalinguística; temas para discursos semidirigidos com vistas à coleta da fala espontânea e coloquial do inquirido, além da leitura do texto a “Parábola dos sete Vimes” (QUESTIONÁRIO ALiB, 2001).

É, então, a partir da aplicação de algumas questões do que QSL do ALiB que se baseia as análises que serão feitas nesta monografia, seguindo a metodologia da Dialetoologia Pluridimensional.

## 2.4 ESTUDOS SOCIOLINGÜÍSTICOS

Ainda que a Dialetoologia se concentre nos estudos da distribuição das variantes linguística no espaço geográfico, passando a ser considerada a ciência da variação espacial, as pesquisas também mostram extremo interesse pelo contexto sociocultural dos falantes. Isso explica o fato da Dialetoologia e a Sociolinguística serem consideradas até certo ponto sinônimas.

A Sociolinguística marca o início de uma nova história no campo da ciência da linguagem, pois, passa a compreender a língua como fator social e faz isso um objeto de



pesquisa, alcançando o mérito de sistematizar a relação que se estabelece entre a língua e questões ligadas ao contexto social.

De acordo com Mattos e Silva (1996), será a Sociolinguística da segunda metade do século XIX que irá desenvolver uma teoria e uma metodologia precisa e detalhada para a explicitação da inter-relação entre os fenômenos de variação e mudança. Segundo a autora,

O grande avanço da sociolinguística se funda basicamente na sua conceituação de língua como sistema intrinsecamente heterogêneo, em que se entrecruzam e são correlacionáveis fatores intra e extralinguísticos, ou seja, fatores estruturais e fatores sociais. (MATTOS E SILVA, 1996, p. 299).

Para a autora, a sociolinguística funda-se também em uma rigorosa metodologia para dar conta da variação sincrônica das línguas e para dar conta da mudança linguística no “tempo aparente”. O recurso de trabalhar com gerações conviventes permitiu à sociolinguística apreender mudanças em curso ou em processo, ou seja, permitiu captar o processo de difusão da mudança na estrutura da língua e na comunidade de fala, o que até então não tinha sido alcançado porque, em geral, as teorias da mudança trabalhavam com mudança no tempo histórico real. (cf. MATTOS e SILVA, 2006).

Porém, de acordo com Costa (2016), não se pode perder de vista de que a ideia de que as línguas variam no tempo, no espaço, nas diversas situações sociais já estava presente na discussão de vários estudiosos desde o início do século XX, não apenas por estudiosos da área da linguagem, como também sociólogos preocupados com o contexto social atrelado à diversidade linguística.

De acordo com Costa (2016), a busca por uma concepção social da língua já fora assumida pelo linguista francês Antoine Meillet (1958), que, mesmo filiado à corrente estruturalista dos estudos linguísticos, em seus textos, defendia a convergência entre a abordagem interna e externa dos fatores linguísticos, bem como a abordagem sincrônica e diacrônica dos fenômenos da linguagem, considerando, para isso o caráter social da língua.

Conforme Costa (apud Calvet 2002), a ideia de um estudo da língua associada às suas funções sociais, fato central na obra de Meillet, surgiu desde o nascimento da linguística moderna e permaneceu, durante quase meio século, paralela à concepção estrutural defendida por Saussure.

Assim, de acordo com Costa (2016), apesar de Meillet ter sido aluno de Saussure, a posição dele é contrária ao modelo abstrato e homogêneo de língua elaborado pelo mestre, justificando sua crítica na resenha ao *Curso de Linguística Geral*, afirmando que, ao separar a variação linguística das condições externas, Ferdinand Saussure a priva da realidade e a reduz a uma abstração desnecessária.

De acordo com Tarallo (2001), Saussure define a língua como objeto central da linguística, em oposição à fala, que deveria ser estudada pela Estilística ou por uma Linguística Externa. Para ele, o estudo dos fenômenos linguísticos externos é muito frutífero, as é falso dizer que sem esses não seria possível conhecer o organismo linguístico interno, instituindo-se assim a distinção entre uma linguística interna, que se ocupa da língua, e uma linguística externa que abrange a fala.

Segundo Tarallo (2001), o iniciador do modelo teórico-metodológico, hoje conhecido como Sociolinguística foi Willian Labov. Entretanto, segundo o autor, não é que Labov tenha sido o primeiro sociolinguista a surgir no cenário da investigação linguística, mas certamente, modelos do passado mais distante, e também do mais recente, inspiraram na sua concepção de uma nova teoria.

Para o autor, o modelo de análise proposto por Labov apresenta-se como uma reação à ausência do componente social no modelo gerativo. Assim, para Tarallo (2001), foi Willian Labov quem, mais veementemente voltou a insistir na relação entre língua e sociedade e na possibilidade, virtual e real, de se sistematizar a variação existente e própria da língua falada (TARALLO, 2001, p. 7).

Para Labov (apud BORGES, 2016), não se pode admitir um estudo linguístico, quer do ponto de vista diacrônico quer do ponto de vista sincrônico, que não leve em consideração a face heterogênea da língua, pelo fato de esta ser uma instituição social e, como tal, sujeita a diversidade do grupo de falantes que a utiliza.

Segundo Tarallo (1991), a Sociolinguística reconhece a heterogeneidade ou variação linguística como parte inerente do sistema linguístico defendendo que seria a ausência de variação o fenômeno irregular do sistema. Assim, o caráter heterogêneo e variável da língua, longe de representar um caos linguístico, como afirmava os estruturalistas, possibilita sua plena funcionalidade, pois é ordenada e sistemática, sendo essencial ao fenômeno da linguagem.

De acordo com Costa (2016), essa concepção assumida pela Sociolinguística inaugura um novo caminho para os estudos da linguagem e a compreensão da língua como fato social passa a fazer parte das pesquisas linguísticas. Ainda segundo Costa, uma das ações mais importantes da Sociolinguística foi o desenvolvimento de uma metodologia de análise dos dados linguísticos capaz de testar sistematicamente a correlação entre a variação na estrutura linguística em consonância com a estrutura social, demonstrando cientificamente que essas variações não são aleatórias.

Assim, como já enfatizava Bagno (2007), os fatores extralinguísticos interferem na maneira de falar do indivíduo, podendo ser identificadas como: variação geográfica ou

diatópica, fundamentada na oposição da linguagem em diferentes áreas geográficas; variação sociocultural ou diastrática, influenciada por fatores ligados ao falantes (idade, sexo, raça, profissão, posição social, grau de escolaridade, classe econômica); variação contextual ou diafásica (relacionada aos níveis de formalidade da fala).

Com o avanço dos estudos sociolinguísticos e o surgimento de uma nova conceituação de língua como sistema heterogêneo, os fatores linguísticos e extralinguísticos entrecruzam-se para explicar a variação da linguagem. Sendo assim, a língua se sustenta na constante oposição entre diversidade/uniformidade.

Nesse sentido, a Teoria da Variação considera a língua em seu contexto sociocultural, uma vez que parte da explicação que a heterogeneidade emerge nos usos linguísticos concretos podendo ser encontrada em fatores externos ao sistema linguístico e não só nos fatores internos à língua. Portanto, como observou Mollica (2003, p. 10), “toda variação é motivada, isto é, controlada por fatores heterogêneos e se delinea sistemática e previsível”. Assim, a língua manifesta-se como um conjunto de diferentes falares, que atendem às exigências dos diversos contextos de uso dessa língua, portanto, podemos dizer que a língua é heterogênea.

As escolhas linguísticas são processos conscientes que o falante realiza e estão associadas às múltiplas dimensões constitutivas da identidade social e aos múltiplos papéis sociais que o usuário assume na comunidade de fala. Desta forma, o que determina a escolha de uma ou outra variedade é a situação concreta de comunicação.

A sociolinguística tem por objetivo descrever e verificar como as variações e as mudanças se organizam e o modo como os fatores internos e externos estão correlacionados ao uso das variantes nos diferentes níveis da língua. Desta forma, as línguas apresentam-se atreladas a um comportamento social, podendo-se afirmar que elas variam através do tempo e no espaço.

Considera-se assim que a variação ou diversidade linguística é um fenômeno constitutivo das línguas. Segundo Almeida,

Podemos afirmar com relação à variação da Língua Portuguesa que ela não é única, pois o que se convencionou chamar de Língua Portuguesa, na verdade, nada mais é do que um feixe de variedades linguísticas que caracterizam regiões, grupos sociais, faixas etárias, grau de escolaridade, profissão e situações. (ALMEIDA, 2000, p. 634).

Assim, podemos observar que os modos diferentes de falar acontecem porque a Língua Portuguesa, como qualquer outra língua, é um fenômeno dinâmico, isto é, está sempre em evolução. Cagliari (1991) defende que o uso diferenciado ao longo do tempo nos mais

diversos grupos sociais faz com que as línguas passem a existir como um conjunto de falares diferentes ou dialetos, todos muito semelhantes entre si, porém cada qual apresentando suas peculiaridades com relação a alguns aspectos linguísticos.

Quanto às variedades, do ponto de vista da estrutura linguística, são perfeitas e completas em si, o que as tornam diferentes são os valores sociais que seus membros possuem na sociedade. Para Cagliari (1991), “o uso da variedade linguística dialetal não constitui um erro, e sim uma diferença pelo uso de um outro dialeto”.

Assim, a heterogeneidade caracteriza a língua como um fenômeno social, pois em cada comunidade de fala ocorre o uso de formas linguísticas variadas. Segundo Tarallo (1986), “todas as línguas variam, isto é, não existe nenhuma sociedade ou comunidade em que todas falem da mesma forma”. Diante disso, a variação linguística constitui-se como um fator natural e inevitável, se considerarmos a heterogeneidade social e os diferentes graus de contato das comunidades.

O desenvolvimento dos estudos sociolinguísticos, além de demonstrar que todas as variações da linguagem obedecem a padrões estruturais regulares e complexos, que para Costa (2016), a mesma pode ajudar no combate ao preconceito linguístico e ao estigma, tão presentes em nossa sociedade, que recaem sobre algumas comunidades de fala, apresentando-se como uma das piores marcas de violência simbólica e como perversos instrumentos de opressão e exclusão social.

#### **2.4.1 Linguagem como identidade social**

Segundo Brandão (1991), a linguagem configura-se como um dos aspectos que melhor reflete a cultura de uma comunidade, e, sendo a língua, a um só tempo, meio de ação e produto dessa cultura, ela funciona como elemento de identificação social, podendo sofrer alterações devido a fatores históricos, sociais, culturais e geográficos.

Portanto, não se pode considerar a linguagem fora do contexto sociocultural em que está inserida, na medida em que sua função seria não apenas transmitir informações, como também estabelecer e manter contatos sociais e culturais entre os falantes. Sendo assim, não se pode também deixar de lado o fato de que ela vai acompanhar e refletir os padrões de comportamento e valores socioculturais e identitários de uma dada comunidade de fala.

É nesse sentido, que Brandão (1991), afirma que é na língua que se projeta a cultura de um povo, compreendendo-se cultura no seu sentido mais amplo, aquele que abarca “o conjunto dos padrões de comportamento, das crenças, das instituições e de outros valores

espirituais e materiais transmitidos coletivamente e característicos de uma sociedade” (BRANDÃO, 1991 apud Ferreira, 1986).

De acordo com Brandão (1991), ao falar, um indivíduo transmite, além da mensagem contida em seu discurso, uma série de dados que permite a um interlocutor atento não só depreender seu estilo pessoal seu idioleto, como também filia-lo a um grupo.

Considerando a identidade de um povo, que resulta de traços manifestados em sua cultura, a qual, por sua vez, se forja e se expressa pela mediação das linguagens, podemos observar que a linguagem perpassa o plano conceitual de ser somente instrumento utilizado para nomear coisas e situações. Quando falamos, comunicamos intenções, buscamos a todo momento, ser entendidos e estabelecemos contratos verbais com nossos ouvintes.

A linguagem é o suporte, a mediação pela qual tudo passa de um indivíduo a outro, de um grupo a outro, meio pelo qual se criam todas as coisas, inclusive o homem. Percebe-se que a língua manifesta-se num conjunto de diferentes falares, que atendem as exigências dos diversos contextos de uso dessa língua, portanto, podemos dizer que a língua é heterogênea, pois não podemos pensar em uma língua uniforme. É através da língua que construímos e expressamos nossa identidade, ou melhor, de nossa pluralidade de identidades, nos reconhecemos, revelamo-nos, identificamo-nos pelo que falamos.

Assim, é possível compreender que, a linguagem considerada em seu aspecto prático, é parte integrante de nossas vidas, portanto, instrumento indispensável, tanto na aquisição de conhecimentos, quanto para nossa participação nos mais diversos contextos sociais de interlocução.

Segundo Cardoso (2010), a linguagem associada à dimensão verbal, de certa forma, exigiu que fosse necessário compreender seu funcionamento, bem como seu alcance, devido, principalmente, ao desenvolvimento social do homem.

Assim, podemos observar como o homem transparece à sua dimensão social no que se refere à linguagem, como também sua função de transformador de valores, crenças e hábitos, influenciado por diversas mudanças ocorridas em uma determinada sociedade, tais mudanças, certamente, refletirão no comportamento do homem, no seu jeito de pensar e, sobretudo, na sua forma de se expressar, inovando determinadas situações e preservando outras.

#### **2.4.2 A Variação linguística**

A variação é um fenômeno característico das línguas. A língua está sujeita à ocorrência de formas diferentes de acordo com a época, o lugar, o grupo social ou ao contexto situacional.

Segundo Bagno (2007), dizer que a língua apresenta variação é a mesma coisa de dizer que ela é heterogênea. E, para o autor, a variação ocorre em todos os níveis da língua: o fonológico; morfológico; sintático; semântico; lexical e pragmático.

Essas variações são formas diferentes utilizadas para designar a mesma realidade e esses níveis acontecem em função da natureza espacial do indivíduo. O nível fonético-fonológico acontece quando uma palavra é pronunciada de diversos modos, seja pelo acréscimo, decréscimo ou substituição, troca de um fonema, caracterizando assim, o sotaque.

O nível morfológico varia quando existem modificações na forma das palavras, como por exemplo, as formas *pegajoso* e *peguento*, termos que expressão a mesma ideia, porém são construídos com sufixos diferentes (BAGNO, 2007, p. 40).

A variação sintática se dá quando existem diferenças como no caso das concordâncias verbal e nominal, e também na posição dos termos na construção de mesma frase. Como exemplo pode-se citar a expressão *Uma história que ninguém prevê o final/Uma história que ninguém prevê o final dela* (BAGNO, 2007, p. 40).

O semântico é notado quando o significado ou o sentido de uma palavra varia em regiões diferentes, ou seja, o termo é o mesmo, o que modifica é o seu significado. A ocorrência dessa variação depende de quem fala, para quem fala, onde e quando a fala acontece. A palavra *vexame* é um exemplo desse tipo de variação, que pode ser vergonha ou pressa. Essa variação depende, sobretudo, da origem regional do falante.

A variação lexical é a mudança de termos para designar o mesmo objeto. A exemplo de *Calcinha*, *Caçola*, *Guarnição*, *Anágua*, palavras que são empregadas para designar o mesmo tubérculo. Colocar exemplos do próprio corpus de análise.

Por fim, a variação estilístico-pragmática está ligada ao grau de maior ou menor formalidade do ambiente e da intimidade entre os interlocutores, podendo ser utilizada pelo mesmo indivíduo em situações distintas de interação. Os enunciados como *Queiram se sentar*, *por favor* e *Vamo sentano aí galera*, correspondem ao mesmo ato, porém são empregadas em situações diferentes de interação social.

Segundo Bagno (1999), é através dessa análise que pode-se constatar que não existe variedade nacional, regional ou local que seja intrinsecamente ‘melhor’, ‘mais pura’, ‘mais bonita’, ‘mais correta’, que outra. Toda variedade linguística atende às necessidades da comunidade de seres humanos que a empregam (BAGNO, 1999, p. 47).

Para o autor, essas mudanças e variações não são controladas pelo falante, elas ocorrem no inconsciente, em função de diversos fatores, dependendo do meio em que a pessoa convive ela fala de uma determinada forma, porém se o indivíduo convive em um meio onde existe diversos falares, ela aprende inconscientemente o falar de todas, ou pelo menos,

algumas expressões. Assim, torna-se algo muito além da capacidade puramente racional do indivíduo.

Segundo Bagno (2007), a variação ainda pode ser determinada por fatores de ordem interna e fatores de ordem externa à língua, tais como variação diatópica, diastrática, diamésica, diafásica e diacrônica.

De acordo com o autor, a variação linguística que acontece no âmbito das diferentes classes sociais é chamada de diastrática – do grego *dia*: através de, e do latim, *stratum*: camada, estrato. Ela acontece na relação do locutor para com o interlocutor, em decorrência dos seguintes aspectos: faixa etária, sexo, escolaridade, profissão, meio de convivência e classe social.

A variação linguística será diatópica – do grego *topos*: lugar – quando sua origem for geográfica. Esta variação se dá por fatores regionais, e é percebida na pronúncia, no vocabulário e na organização da frase.

Quando há comparação entre a língua falada e a língua escrita a variação é chamada de diamésica – do grego *mésos*: “meio”, no sentido de “meio de comunicação”-, está intrinsecamente ligada ao conceito de gênero textual.

A variação diafásica – grego *phásis*: expressão, modo de falar – está ligada à variação estilístico-pragmática, ou seja, o falante faz um uso diferenciado da língua de acordo com o grau de monitoramento, formalidade, que será necessário no ato da comunicação oral.

A comparação que se faz entre as diferentes fases da história de uma língua é a variação diacrônica – *khronos*: tempo (grego). Para Bagno (2007), as línguas mudam com o tempo e o estudo das diferentes etapas da mudança é de grande interesse para os linguistas.

### **2.4.3 Mudança versus variação diacrônica**

A língua pode ser definida como a roupa que cobre o corpo, protegendo-o, mas também é aquela que faz revelar os diversos aspectos desse corpo, que ora se apresenta saliente, recatado ou simplesmente bem esculpido, mas sempre com diferentes formas. Nesse sentido, podemos observar como a língua é um fenômeno em constante mudança, por conta das mudanças serem inerentes à própria sociedade.

Muitas vezes, confunde-se mudança linguística com variação linguística. Porém a mudança linguística está relacionada às evoluções de uma língua ao longo do tempo. Trata-se, portanto, de uma questão diacrônica. Por outro lado, a variação linguística é de natureza sincrônica.

Segundo Tarallo (2001), “nem tudo o que varia sofre mudança; toda mudança linguística, no entanto, pressupõe-se variação. Variação, portanto, não implica mudança; mudança, sim, implica sempre variação. Mudança é variação!” (TARALLO, 2001, p. 63).

Para o autor, os resultados de análise de variantes apontam, de maneira geral, para duas direções distintas, por um lado à estabilidade das adversárias e por outro a mudança em progresso. De acordo com o autor, o interesse nos fatos históricos sobre as variantes prende-se, em especial, a um princípio da tradicional linguística histórica: a estrutura de uma língua somente será totalmente entendida à medida que se compreendam efetivamente os processos históricos de sua configuração.

De acordo com Matos e Silva (2006), a língua muda através dos tempos. Em termos linguísticos, as mudanças não são consideradas aperfeiçoamentos de uma língua. As mudanças, assim como, as variações linguísticas, podem ocorrer em diferentes planos, como o sintático, fonético, fonológico, semântico.

Segundo Cardoso (2010), o fenômeno linguístico se torna multifacetado e complexo, quando pensamos que, por um lado é próprio do sistema em si mesmo, do sistema autônomo, algo pronto para ser usado pelos sujeitos quando necessário. Por outro lado, a língua comporta a dimensão de sistema em uso, de sistema preso à realidade histórico social do povo, uma língua que, mesmo na condição de sistema, continua fazendo-se, constituindo-se. Portanto, a língua se define como um fenômeno social, uma prática de atuação interativa, dependente da cultura de seus usuários.

A mudança linguística desempenha um papel importante na oposição da definição estruturalista, que define a língua como um sistema funcional homogêneo e invariável, pois para essa concepção os processos de mudança eram condicionados apenas ou fundamentalmente por fatores funcionais inerentes ao sistema linguístico.

Dante Lucchesi (2001, p. 82) define que,

Através de um estudo sistemático, o estudo da linguística procurou encontrar uma explicação para o problema da mudança da língua estabelecendo uma nova concepção do objeto de estudo. Assim, desenvolve-se estudos de processos de mudança em curso no presente que demonstraram que a variação faz parte do sistema linguístico, que por sua vez, o seu funcionamento interfere nos processos de mudança que se operam em seu interior.

Considerando que cada povo tem uma identidade, que resulta de traços manifestados em sua cultura, a qual, por sua vez, é forjada e expressada pela mediação das linguagens, podemos observar que a linguagem ultrapassa o plano conceitual de ser somente utilizado para nomear coisas e situações. Quando falamos, estamos querendo comunicar intenções,



buscamos a todo momento ser entendidos e estabelecemos contratos verbais com os nossos ouvintes.

Para Bagno (2007), a língua passa a ser concebida como um sistema heterogêneo e variável, quando pensamos que ela pode desempenhar plenamente as suas funções comunicativas na comunidade que a utiliza. Para o autor, o desenvolvimento dos processos de mudança da língua é decisivamente determinado pelo sistema social de avaliação das variantes linguísticas.

De acordo com o autor, os processos de mudanças contemporâneas que ocorrem na comunidade de fala são primordiais na sociolinguística. Comunidade de fala para esse modelo teórico-metodológico não é entendida como um grupo de pessoas que falam exatamente igual, mas que compartilham traços linguísticos que distinguem seu grupo de outros; comunicam relativamente mais entre si do que com os outros e, principalmente compartilham normas e atitudes diante do uso da linguagem. Dessa forma, para os sociolinguista, nas comunidades de fala, frequentemente, existirão formas linguísticas em variação, isto é, formas que estão em concorrência.

## 2.5 O CAMPO SEMÂNTICO VESTUÁRIO E ACESSÓRIOS EM OUTROS TRABALHOS DA DIALETOLOGIA BRASILEIRA

Os estudos das variações linguísticas, de um modo geral, têm alcançado certo grau de desenvolvimento no Brasil. Após um dos projetos macros da dialetologia e sociolinguística, *O Atlas Linguístico do Brasil*, considerou-se a documentação de 250 localidades distribuídas por todo o território nacional e representativas das diversas regiões. O Projeto ALiB impulsionou significativamente a produção de atlas linguísticos no país, alguns já elaborados e outros em andamento.

Como um dos objetivos do Projeto é documentar a língua portuguesa no Brasil, segundo os usos nas diferentes regiões do país, foram surgindo trabalhos de pesquisa na área. Tais estudos tem demonstrado, sobretudo, no campo semântico-lexical *Vestuários e acessórios*, campo analisado neste trabalho monográfico, que algumas lexias estão em processo de desuso. Na perspectiva de investigação semântico-lexical campo *Vestuários e acessórios*, o trabalho de pesquisa intitulado *O Sutiã na Bahia: Um Estudo em Dois Tempos Diferentes* de Marcela Moura Torres (2012), constitui-se como uma análise da variação semântico-lexical na área baiana. No trabalho são investigadas as denominações para *sutiã* usadas por baianos com base no primeiro atlas linguístico regional brasileiro, o *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (APFB-1963), e os registros referentes à Bahia, constantes do *corpus* do Projeto Atlas Linguístico do

Brasil (Projeto ALiB), coletados a partir de 2003, que permitiram a realização de estudos comparativos, contribuindo para identificação e configuração de variantes linguísticas lexicais em momentos diferentes no tempo.

Com o intuito de refletir sobre as denominações para a peça do vestuário feminino na região da Bahia, Torres (2012), realizou o mapeamento dos usos, em localidades baianas, a partir do exame da carta n. 68 do APFB e da resposta à questão 188 – *Como se chama a peça do vestuário que serve para segurar os seios?* – que consta do questionário semântico-lexical utilizado no Projeto ALiB. No APFB e no Projeto ALiB, foram documentados para *sutiã*, as seguintes designações nas localidades pesquisadas, a saber: *califom*, *corpinho*, *corpete*, *porta-seio*, *aperta-seio*, *sustenta-seio* e *guarda-seio*.

O trabalho citado acima, mostrou uma identidade entre os dados do APFB e os registrados no Projeto ALiB, para as lexias referentes a peça do vestuário que serve para segurar os seios. Assim, o trabalho procurou mostrar como as lexias oferecem subsídios para o registro da diversidade da língua portuguesa, na Bahia.

Segundo Torres (2012), não obstante a necessidade de se fazerem outras investigações com vistas ao aprofundamento e, eventualmente, ao redirecionamento de elementos do referencial teórico-metodológico, já é possível observar que a presente abordagem pode trazer um aporte significativo para o estudo do componente semântico-lexical na Dialectologia.

Para a autora, no que diz respeito às denominações que recebe o item em questão, podem-se fazer algumas considerações preliminares: a) existem variantes lexicais comuns no APFB (1963) e no *corpus* do Projeto ALiB (2003); b) a designação mais representativa para *sutiã* – *califom* – está presente nos dois *corpora*; c) a variante lexical *califom* está presente nas localidades de Jeremoabo e Itaberaba nos dados do APFB (1963) e no *corpus* do Projeto ALiB (2003); d) a maior variedade de usos está presente no APFB com as variantes lexicais *califom* (em 25 pontos), *corpinho* (em 16 pontos), *corpete* (em 9 pontos), *porta-seio* (em 7 pontos), *aperta-seio* (em 2 pontos), *sustenta-seio* e *guarda-seio* (cada uma em 1 ponto) e apenas 3 variantes, com os itens *califom* (em 6 pontos), *guarda-peito* (em 2 pontos) e *corpete* (em 2 pontos) registrados no *corpus* do Projeto ALiB, na região da Bahia.

De acordo com Torres (2012), embora não se tenha elementos para discutir a evolução da peça entre os dois momentos analisados – década de 1960, quando se realizaram os inquéritos para o APFB e início do século XXI, por ocasião dos inquéritos para o ALiB –, sabe-se que a própria peça se modificou e os falantes passaram a adquirir nas lojas os novos modelos, já agora denominados *sutiã*, o que, certamente, explica a menor frequência, nos dados atuais, das denominações *califom*, *guarda-peito* e *corpete*.

O trabalho de pesquisa *A Variação Lexical do Português Falado no Brasil: Reflexões sobre o campo semântico Vestuário e acessórios nos dados do Projeto ALiB*, de Marcela Moura Torres Paim (2013), também analisa as questões semânticas-lexicais do Projeto ALiB.

O trabalho tem o objetivo de investigar como a linguagem de indivíduos apresenta marcas linguísticas específicas que constroem, mantêm e projetam a identidade de faixa etária em inquiridos do Projeto ALiB a partir da utilização do léxico como fator diageracional dos indivíduos no grupo etário ao qual fazem parte.

Os resultados que se apresentam fundamentam-se em levantamentos no corpus do Projeto ALiB, especificamente nas capitais de Estados. Em relação à pergunta 188 do questionário semântico-lexical (QSL), foram levantadas 18 variantes, a saber: *baladeira, bustiê, califon, colante, corpete, corpinho, goleiro, levanta os caídos, levanta peito, modelado, para-raio, porta seio, saco, segura peito, segura seio, suspensório, sutiã e top*.

Dessas variantes lexicais, apenas *sutiã* é comum a todas as capitais pesquisadas. As demais designações encontram-se distribuídas de forma descontínua entre as capitais.

Segundo a autora, a questão 189 do questionário semântico-lexical (QSL) apresentou 5 designações nas capitais do Brasil, a saber: *ceroula, cueca, samba canção, sunga e zorba*. Na perspectiva estrutural, essas variantes são lexias simples. Dessas variantes lexicais, *cueca* é comum às capitais pesquisadas. As demais formas, assim como a ausência de resposta, encontram-se distribuídas entre as capitais.

No que se refere à pergunta 190, foi possível encontrar um total de 11 designações, a saber: *biquíni, calça, calça íntima, calção, calcinha, calçola, calçolão, cangula, rabichola, tanga e tanguinha*. Na perspectiva estrutural, existem lexias simples como *biquíni* e *calcinha* e compostas como *calça íntima*. Dessas variantes lexicais, *calcinha* é comum às capitais pesquisadas. As demais formas, assim como a ausência de resposta, encontram-se distribuídas entre as capitais.

De acordo com Torres (2013), com a análise pôde-se concluir que: a) as designações enfocadas apresentam uma grande variação, possibilitando a visualização da diversidade lexical e geolinguística do português falado no Brasil; b) as variantes lexicais analisadas possuem várias estruturas, que podem ser lexias simples, como *calça*, e composta, como *calça íntima*; c) a temática da comparação passado X presente está presente na linguagem dos informantes de faixa etária mais avançada, evidenciado-se na seleção lexical desses informantes como demonstram as estruturas: *porta-seio, ceroula, corpinho*.

Assim, podemos observar que as lexias *sutiã, cueca e calcinha* são lexias representativas para as comunidades de fala no que se refere as questões analisadas.

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este capítulo tem por objetivo descrever as etapas cumpridas durante a realização da pesquisa. Apresentam-se as etapas necessárias ao desenvolvimento, especificando a origem da pesquisa, a coleta dos dados, o questionário utilizado, o *corpus* da pesquisa e os critérios adotados para a análise dos dados, assim como, aspectos sociais e geográficos das zonas pesquisadas. Conforme foi visto no capítulo anterior, esta pesquisa é baseada na Dialectologia Pluridimensional e em princípios da Sociolinguística. Objetivamos assim, perceber quais variações estão em processo de desuso, analisando as manifestações linguísticas do português falado nas zonas rural e urbana da cidade de Mutuípe, procurando identificar diferenças dialetais e suas possíveis correlações com fatores como faixa etária, gênero e variação espacial.

A análise será fundamentada seguindo as três dimensões da Dialectologia Pluridimensional, sendo elas: a) dimensão diatópica, zona Rural *versus* zona Urbana; b) dimensão diageracional, Jovens *versus* Idosos, a fim de que possamos buscar termos conservadores; c) dimensão diagenérica, Homem *versus* Mulheres.

O trabalho constitui-se a partir de um segmento do Questionário Semântico Lexical (QSL) do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), considerando-se as respostas dadas pelos informantes as três perguntas referentes ao campo semântico Vestuários e Acessórios.

#### 3.1 A ORIGEM DA PESQUISA

Este trabalho é a ampliação de uma pesquisa de Iniciação Científica, intitulada “O campo léxico-semântico Vestuário e acessórios na fala de jovens da cidade de Mutuípe”, vinculada a um projeto maior, “Glossário de termos conservadores do Vale do Jiquiriçá”, sob a coordenação da professora Geisa Borges da Costa, que é pesquisadora do Grupo de Estudos do Português Popular da Bahia.

#### 3.2 A COLETA DE DADOS

Neste trabalho, de caráter dialetológico e semântico-lexical, o *corpus* constituiu-se a partir de respostas emitidas por jovens e idosos entrevistados nas zonas Rural e Urbana da cidade de Mutuípe. Sendo quatro do sexo feminino e quatro do sexo masculino, todos de baixa

escolaridade. A escolha das diferentes localidades, assim como a diferença de gênero e idade, se deu seguindo a metodologia do projeto ALiB e da Dialetologia Pluridimensional, que não pode buscar apenas o levantamento da variação diatópica, mas, tanto quanto possível, devem apresentar e analisar também outras variações, entre as quais se destacam a de gênero, a geracional.

Os informantes foram escolhidos pela autora deste trabalho, a qual os conheceu no período em esteve na região onde as entrevistas foram realizadas. A entrada em campo foi mediada pela Professora Roseli Santos, professora da Escola da comunidade. Assim, naquele momento foi possível perceber quais sujeitos enquadravam-se na metodologia estabelecida pelo projeto. A escolha da região surgiu pelo fato de ser uma das zonas rurais mais longe da zona urbana e com difícil acesso, e assim acreditar-se ser menos influenciadas pelos usos tecnológicos.

As respostas foram obtidas a partir de questões previamente formuladas pelo grupo de pesquisadores do Projeto ALiB, com o objetivo de registrar as lexias referentes a determinados conceitos, no caso das perguntas elaboradas para o questionário semântico-lexical. A análise dos dados foi fundamentada nas repostas dos informantes para o décimo terceiro campo semântico, Vestuários e acessórios do Questionário Semântico Lexical do Projeto Atlas Linguístico do Brasil.

A escolha do campo semântico Vestuários e acessórios, deve-se, sobretudo, à possibilidade de se revelarem, através dos dados, vocabulários que hoje estão em desuso, evidenciadas através das realizações linguísticas de determinados grupos sociais.

Faz-se necessário ressaltar que o campo Vestuário e acessórios é composto por seis perguntas. Porém, neste trabalho, constitui objetivo analisar apenas as questões 188, 189 e 190 do QSL do Projeto ALiB, que são elencadas a seguir:

188. “...Que peça do vestuário serve para segurar os seios ?”

189. “...Que roupa o homem usa debaixo da calça ?”

190. “... Que roupa a mulher usa debaixo da saia ?”

Num estudo de cunho dialetológico, é fundamental ter informações históricas, sociais, culturais e econômicas da área selecionada para estudo. Esse tipo de conhecimento é importante na medida em que o léxico de uma língua é um repositório de itens de referência ao universo sócio-cultural do falante. Em outras palavras, os campos lexicais são constituídos de referências sócio-cognitivas que estão diretamente associadas às experiências individuais e

coletivas dos falantes, ao seu universo de referências culturais, religiosas, simbólicas. Todas essas referências condicionam o modo como os falantes lidam com o léxico de sua língua.

Uma vez que elas não são fixas, estando sujeitas ao devir histórico, social, político, cultural de cada grupo social, o significado das unidades lexicais a elas associadas é também afetado, o que acaba por determinar a relação que o falante mantém com essas unidades lexicais. Em função disso, a primeira e a segunda etapa deste projeto compreenderam os seguintes passos:

- Tomada de informações históricas das localidades, mediante visitas aos arquivos municipais e ao Instituto Histórico e Geográfico da Bahia e pesquisas em documentos de referência do IBGE sobre o município.
- Visitas à comunidade rural selecionada pelo Projeto a fim de propiciar um conhecimento da área e um contato prévio com líderes locais e com os moradores a serem entrevistados.
- Realização de entrevistas de cunho geo-sociolinguístico com o fim de colher narrativas espontâneas de idosos, nas quais seja possível encontrar lexias de aspecto conservador ligadas ao campo semântico, vestuário e acessórios.
- Foram feitas oito entrevistas com dois homens e duas mulheres, sem escolaridade, na faixa etária acima de 60 anos, nascidos e residentes nas áreas rurais e urbanas do município de Mutuípe. E com dois homens e duas mulheres, com baixa escolaridade, na faixa etária de 15 aos 20 anos. Cada entrevista durou entre 30 e 40 minutos.

A terceira e a quarta etapa contaram com a aplicação de QSL do Projeto ALiB, campo Vestuários e acessórios.

### 3.3 MUTUÍPE: DADOS SÓCIO-HISTÓRICO-GEOGRÁFICOS

Até meados do século XIX, toda a zona ribeirinha do rio Jiquiriçá, abrangendo o território do atual Município de Mutuípe, era habitada por índios, que pouco a pouco abandonaram a região, à medida que seus domínios eram conquistados pelos brancos.

Em 1849, Manoel João da Rocha, juntamente com outros pioneiros, chegou ao local onde hoje está situada a sede do Município, iniciando derrubadas e entregando-se ao cultivo da terra. Entre as propriedades dos primeiros povoadores encontrava-se a Fazenda Mutum, assim denominada pela abundância verificada da ave do mesmo nome (craxalector). Segundo

Teodoro Sampaio, o topônimo Mutuípe vem de "mutum", ave do local, e "ipe", que em tupi-guarani quer dizer "forte".

Situada no antigo Município de Jiquiriçá, a Fazenda Mutum ficava à margem de uma estrada que ligava os sertões do sudoeste baiano a Minas Gerais. Os tropeiros que por ali transitavam faziam daquela propriedade ponto de repouso e reabastecimento. Devido a isso, bem assim à fertilidade do solo e ao espírito progressista do proprietário Bernadino Lopes, começou a formar-se em Mutum, por volta de 1900, um pequeno núcleo de agricultores e negociantes.

Com a chegada dos trilhos da "Tramroad de Nazaré", a 29 de janeiro de 1905, ligando o Município ao porto fluvial de Nazaré, teve início uma nova fase de progresso. A Lei Estadual n.º 778, de 30 de maio de 1910, transfere para o próspero povoado o Distrito de Paz de Riacho da Cruz.

Em 1920 foi desencadeado um movimento pela emancipação político-administrativa do povoado de Mutum, como passou a ser conhecido na região. Tanto que em 26 de julho de 1926 foi aprovada, na Câmara Estadual, a Lei n.º 1882, criando o Município de Mutuípe, instalado a 12 de outubro do mesmo ano.

Segundo o quadro da divisão territorial vigente em 1.º de julho de 1955, o Município de Mutuípe e composto de um único distrito. O Município de Mutuípe pertencia ao Termo de Jiquiriçá, da Comarca de Ubaíra, até 2 de Julho de 1949, quando, por força da Lei n.º 175, foi criada a Comarca de Mutuípe, que compreende o Município de mesmo nome.

Segundo informações obtidas pelo IBGE hoje a população estimada do município é de 22. 833 de pessoas. E as principais atividades econômicas do município estão voltadas á agropecuária e aos comércios.

### 3.4 ZONA RURAL DA SERRA DA ESPERANÇA

A região Serra da Esperança, zona rural onde ocorreu a pesquisa e foram feitas as entrevistas, está localizada a 46 km da cidade do município de Mutuípe – Ba. Segundo os arquivos municipais encontrados na Secretaria das Escolas do Campo, essa região foi denominada **Serra**, devido à predominância de montanhas e serras no lugar e **Esperança** pelo fato da dificuldade de tudo se chegar até ela, como água, energia e estradas. De acordo com os dados, no que se refere aos aspectos geográficos, sociais e culturais, a região Serra da Esperança tem como vegetação nativa um pedacinho da Mata Atlântica e o Cerrado, sofrendo fortes ameaças dos agricultores, para fazerem plantações. No relevo, predominam montanhas,

serras e vales. Na área socioeconômica, destaca-se a agricultura, no cultivo de cacau, banana, cravo e mandioca. Na pecuária, a criação de animais é voltada para o próprio consumo. Destaca-se a criação de galinhas, porcos, patos e bois.

Segundo o levantamento da agente de Saúde da região, há em torno de 40 famílias, sendo a maioria de baixa renda com pequena propriedade de terras e com pouca escolaridade, tendo aproximadamente 14 analfabetos. Os moradores em sua maioria são afrodescendentes. Nessas propriedades, nota-se o uso de forma errada na agricultura, como: as queimadas, o desmatamento, o uso de veneno para matar as pragas. Muitos por possuírem pequenas propriedades, trabalham nas propriedades de outros agricultores como diaristas.

Na área social, conta com uma Associação das mulheres, mas muitas não participam. Nas manifestações religiosas, conta-se com procissões, missas, rezas aos santos (caruru), mas que vem se perdendo no decorrer do tempo e os cultos evangélicos. Na área do esporte e lazer, se destaca o futebol masculino entre jovens e adultos, em que quase toda semana há treinamento em um campo próximo à escola. Quase sempre nos finais de semana, acontece o campeonato de futebol com outras regiões, os times vencedores ganham medalhas, taças e outras programações.



## 4 ANÁLISE DOS DADOS

No presente capítulo, apresenta-se a análise dos dados obtidos por meio das respostas dos informantes que participaram da pesquisa. A análise será feita considerando três dimensões principais e relacionadas: a dimensão diatópica, a dimensão etária e a dimensão diagenérica, já que o trabalho segue a linha da Dialetologia Pluridimensional. Os dados foram obtidos por meio dos inquéritos linguísticos, baseados na metodologia da aplicação de questionários do Projeto ALiB, apresentando uma gama de variantes linguísticas para cada questão da pesquisa.

Os resultados que serão apresentados e discutidos foram obtidos com a aplicação das seguintes questões do QSL do ALiB: 1) Questão 188. “*Que peça do vestuário serve para segurar os seios ?*”; 2) Questão 189. “*Que roupa o homem usa debaixo da calça?*”; 3) Questão 190. “*Que peça do vestuário a mulher usa debaixo da saia?*”

Cada seção que segue corresponderá à análise de cada questão aplicada, considerando as três dimensões supracitadas.

### 4.1 A PEÇA DO VESTUÁRIO QUE SERVE PARA SEGURAR OS SEIOS

Após a aplicação da Questão 188, foram levantadas 14 lexias para designar o item que serve para “segurar os seios”, distribuídas assim: a lexia *sutiã*, como a resposta com a maior frequência no *corpus*, perfazendo um total de oito ocorrências, seguida das demais variantes, a saber: *califon*, três ocorrências; *biquíni*, duas ocorrências e *suspensório*, uma ocorrência.

#### 4.1.1 A dimensão diatópica

A seguir será apresentada uma síntese dos resultados levantados por meio da aplicação da questão 188. A *Tabela 1* apresenta dados da variação na dimensão diatópica, demonstrando a presença das variantes para a questão nas zonas Rural e Urbana da cidade pesquisada, em valores absolutos.

**Tabela 1** – Distribuição dos dados para a questão 188 segundo a variável diatópica.

Variantes	Total de ocorrência das variantes	Zona Rural		Zona Urbana	
		N. de Ocorr.	%	N. de Ocorr	%
Sutiã	8	4	50%	4	50%
Califon	3	2	66,6%	1	33,3%
Biquíni	2	1	50%	1	50%
Suspensório	1	1	100%	0	0

Fonte: Autoria própria.

Do ponto de vista diatópico, nota-se que o léxico dos informantes da zona rural apresenta maior variabilidade, observamos por exemplo palavras marcadas como *califon*, *biquíni* e *suspensório*.

A *Tabela 1* registrou a variante *sutiã* como a que está presente em ambas as áreas, considerada aqui, por isso, como uma lexia representativa. A variante *califon*, a segunda mais documentada, só foi produzida uma vez por falantes da zona Urbana. A variante *suspensório* só foi documentada por informantes da zona rural.

Nota-se que as variantes *califon* e *suspensório* já não se mostram presentes na fala dos informantes da sede da cidade, dando sinal de que estão ficando restritas a falares rurais.

A variante *biquíni*, também foi documentada por informantes de ambas as localidades. Porém, podemos observar que não costuma ser usada como sinônima de *sutiã*, mas como uma peça que também segura os seios.

Ao compararmos os dados obtidos na análise com o artigo *O Sutiã na Bahia: Um Estudo em Dois Tempos Diferentes*, de Marcela Moura Torres (2012), verificamos que foram documentadas no APFB e no Projeto ALiB, variações como: *califon*, *corpinho*, *corpete*, *porta-seio*, *aperta-seio*, *sustenta-seio* e *guarda-seio*. Das lexias documentadas no artigo apenas a variante *califon* foi registrada em ambas as pesquisas, revelando-se como a variante mais utilizada por pessoas que moram nas localidades rurais e por informantes da faixa etária mais velha, como podemos ver a seguir.

#### 4.1.2 A dimensão diageracional

A *Tabela 2* corresponde à variação na dimensão diageracional, demonstrando a presença das variantes para a questão 188 nas faixas etárias I e II.

**Tabela 2** – Distribuição dos dados para a questão 188 segundo a variável diageracional

Variantes	Total de ocorrência das variantes	Faixa I		Faixa II	
		N. de Ocorr.	%	N. de Ocorr	%
Sutiã	8	4	50%	4	50%
Califon	3	0	0%	3	100%
Biquíni	2	1	50%	1	50%
Suspensório	1	0	0%	1	100%

Fonte: Autoria própria

A *Tabela 2* mostra que a variante *sutiã* foi a mais registrada, documentada por ambas faixas etárias, perfazendo um total de oito ocorrências. As variantes *califon* e *suspensório*, foram documentadas apenas por informantes da faixa etária II e a variante *biquíni*, documentada por informantes das duas faixas etárias.

Do ponto de vista etário, o léxico dos informantes da faixa II apresentaram maior produtividade. Observa-se que a identidade social da faixa etária constrói-se pela revelação de que no passado utilizavam lexias que também eram usadas para segurar os seios, caracterizadas por *califon* e *suspensório*, vinculadas a uma fase anterior de suas vidas, como podemos verificar nos exemplos a seguir:

INQ. – Que peça do vestuário serve para segurar os seios?

INF. – *Sutiã*.

INQ. – Você sabe como essa peça era chamada antigamente?

INF. – Antigamente eu só chamava, meu pai ainda chamava *califon*, *suspensório*. (Inq. Zona Rural, Faixa II, Sexo masculino).

INQ.- Como chama a peça que serve pra segurar os seios?

INF. – *Sutiã*

INQ. – Você conhece uma outra forma? Chama por outro nome?  
 INF. – Olha, minha mãe antes quando eu era nova...Sim! chamavam de *califon*. (Inq. Zona Urbana, Faixa II, Sexo masculino).

A variante *biquíni* também foi registrada por informantes das duas faixas etárias.

INQ.- Qual a peça que serve pra segurar o peito?  
 INF.- *Sutiã*.  
 INQ.- Podemos chamar de outros nomes?  
 INF.- Não! Ahh, hoje em dia tem mulhé que usa *biquíni*. Também serve pra segurar os peitos né?! (risos). (Inq. Zona Urbana, Faixa II, Sexo masculino).

A rememoração ao passado faz parte da própria organização dos discursos dos informantes da faixa etária mais avançada, sendo feita por meio de vários tipos de informações, inclusive o de comparar o passado com o presente, como pôde-se verificar nos exemplos acima. Nota-se que a escolha de termos como *califon* e *suspensório*, hoje chamada de *sutiã*, somente foram documentadas por idosos, confirmando assim, que essas formas caminham para o desuso. A variante *biquíni* também foi documentada por informantes de ambas as faixas etárias. Nota-se que a variante *biquíni*, foi documentada apenas como mais uma peça do vestuário que serve para segurar os seios. Observa-se que a variante *califon* também foi documentada em outras pesquisas, como nos artigos *O Sutiã na Bahia: Um Estudo em Dois Tempos Diferentes*, de Marcela Moura Torres (2012) e *A variação Lexical do Português falado no Brasil: Reflexões sobre o campo semântico Vestuário e acessórios nos Dados do Projeto ALiB*, de Marcela Moura Torres (2013), permanecendo como variante para *sutiã*.

Do ponto de vista etimológico, *califon* consta no Houaiss como um regionalismo do Nordeste do Brasil que veio do francês (à) *califourchon*.

Segundo Torres (2012) e (2013), ao confrontar as variantes *sutiã* e *califon*, verifica-se que também existe a ocorrência das expressões *guarda-seio*, em Conceição do Coité, no APFB, e *guarda-peito*, em Jeremoabo e Euclides da Cunha, no *corpus* do Projeto ALiB, e da variante *corpete*, em Mucuri, Monte Santo, Mirandela, Vitória da Conquista, Campo Formoso, Jacobina, Caitité, Rodelas e Paratinga, no APFB, e em Euclides da Cunha e Alagoinhas, na rede de pontos do Projeto ALiB.

#### 4.1.3 A dimensão diagenérica

A Tabela 3 corresponde à variação na dimensão diagenérica, demonstrando a presença das variantes para a questão 188 no sexo feminino e masculino.

**Tabela 3** – Distribuição dos dados para a questão 188 segundo a variável diagenérica

Variantes	Total de ocorrência das variantes	Sexo Feminino		Sexo Maculino	
		N. de Ocorr.	%	N. de Ocorr	%
Sutiã	8	4	50%	4	50%
Califon	3	1	33,33%	2	66,67%
Biquíni	2	0	0%	2	100%
Suspensório	1	0	0%	1	100%

Fonte: Autoria própria

A *Tabela 3* mostra que a variante *sutiã* foi a mais registrada, documentada por ambos os sexos, perfazendo um total de oito ocorrências. A variante *califon*, também foi documentada por ambos os sexos, porém foi mais produzida pelo sexo masculino. As variantes *biquíni* e *suspensório* foram documentadas apenas pelos homens.

Assim, do ponto de vista diagenérico, o léxico dos informantes do sexo masculino apresenta maior produtividade de ocorrências, inclusive de formas que já parecem arcaicas.

Observa-se que homens e mulheres não falam da mesma maneira, e o estudo dessa diferença é objeto de permanente discussão na Sociolinguística. De acordo com teóricos da área, essa diferença ocorre devido à heterogeneidade linguística e o gênero é visto como uma categoria que engloba muitos fatores interligados na sociedade.

Após a análise dos dados da questão 188, verificamos que a variante *sutiã* foi documentada por todos os informantes, demonstrando ser uma lexia representativa para a peça do vestuário que serve para segurar os seios. Pôde-se observar ainda que as maiores variações ocorreram na zona rural, na faixa etária mais velha e por informantes do sexo masculino, preservando ainda variantes mais antigas e que estão em processo de desuso, a saber: *califon* e *suspensório*. Ao passo que o meio urbano, e a faixa etária mais jovem apresentaram inovações linguísticas de acordo com a evolução social.

## 4.2 A ROUPA QUE O HOMEM USA DEBAIXO DA CALÇA

A análise da questão 189 indicou a ocorrência de 14 lexias, distribuídas assim: a lexia *cueca* oito ocorrências, seguida de outras variantes, a saber: *ceroula*, três ocorrências e *samba-canção*, três ocorrências. A seguir serão apresentados os resultados e considerações levantados em cada dimensão para a questão 189.

### 4.2.1 A dimensão diatópica

A *Tabela 4* apresenta dados da variação na dimensão diatópica, demonstrando a presença das variantes para a questão nas zonas Rural e Urbana da cidade pesquisada, em valores absolutos.

**Tabela 4** - Distribuição dos dados para a questão 189 segundo a variável diatópica

Variantes	Total de ocorrência das variantes	Zona Rural		Zona Urbana	
		N. de Ocorr.	%	N. de Ocorr.	%
Cueca	8	4	50%	4	50%
Ceroula	3	1	33,33%	2	66,67%
Samba-canção	3	3	100%	0	0%

Fonte: Autoria própria

A *Tabela 4* registrou a variante *cueca* como a que está presente em ambas as áreas, documentada, por isso, como uma lexia representativa para a questão 189. A variante *ceroula*, foi documentada por ambas as áreas, porém foi mais documentada na zona rural da cidade pesquisada. A variante *samba-canção* só foi documentada por informantes da zona rural.

Nota-se que a variante *ceroula* já não se mostra tão presente na fala dos informantes da zona urbana e a variante *samba-canção*, só foi documentada por informantes da zona rural, dando sinal de que estão ficando restritas a falares rurais.

#### 4.2.2 A dimensão diageracional

A *Tabela 5* apresenta dados da variação na dimensão diageracional, demonstrando a presença das variantes para a questão 189 na faixa etária I e II da cidade pesquisada, em valores absolutos.

**Tabela 5** - Distribuição dos dados para a questão 189 segundo a variável diageracional.

Variantes	Total de ocorrência das variantes	Faixa I		Faixa II	
		N. de Ocorr.	%	N. de Ocorr.	%
Cueca	8	4	50%	4	50%
Ceroula	3	0	0%	3	100%
Samba-canção	2	0	0%	3	100%

Fonte: Autoria própria

A *Tabela 5* registrou que a variante *cueca* foi a mais registrada, documentada por ambas faixas etárias, perfazendo um total de oito ocorrências. As variantes *ceroula* e *samba-canção* foram documentadas apenas por informantes da faixa etária II.

Do ponto de vista etário, o léxico dos informantes da faixa II apresentaram maior produtividade. As variantes lexicais *ceroula* e *samba-canção* são sinalizadas nos discursos dos informantes como variantes típicas de informantes mais velhos, como demonstra o exemplo:

INQ.- Que roupa o homem usa debaixo da calça?

INF.- *Cueca?* (risos).

INQ.- Antigamente as pessoas chamavam de outro nome?

INF.- Antigamente tinha. Huum...Antes todos chamavam de *ceroula*. (Inq. Zona Urbana, Faixa II, Sexo masculino).

INQ.- Qual é roupa que o homem usa debaixo da calça?

INF.- *Cueca*.

INQ.- Você sabe como as pessoas chamavam antigamente?

INF.- (risos) As vezes meu pai falava do banheiro: - Vamos mulher, traz minha tolha e minha *ceroula*. (Inq. Zona Rural, Faixa II, Sexo masculino).

Podemos observar, nesses discursos, que o reconhecimento da utilização de uma variante distinta é relacionada a uma época diferente, demonstrando que os informantes mais velhos organizam seus discursos, relacionando-os com um passado ao qual ainda estão presos.

Nota-se ainda que as variantes *ceroula* e *samba-canção* podem ser consideradas variantes arcaicas e podem estar em processo de desuso, pois foram documentadas apenas pelos informantes da faixa etária II.

Observa-se que as variantes *ceroula* e *samba-canção* também foram documentadas no artigo, *A variação Lexical do Português falado no Brasil: Reflexões sobre o campo semântico Vestuário e acessórios nos Dados do Projeto ALiB*, de Marcela Moura Torres (2013), como recolha de dados para o APFB e o Projeto ALiB, documentadas como variantes para *cueca*.

Ressalta-se que também foram registradas no trabalho citados acima as variantes *sunga* e *zorba*, distribuídas entre as capitais da rede de ponto do Projeto ALiB.

#### 4.2.3 A dimensão diagenérica

A *Tabela 6* apresenta dados da variação na dimensão diagenérica, demonstrando a presença das variantes para a questão 189 no sexo feminino e masculino da cidade pesquisada, em valores absolutos.

**Tabela 6** - Distribuição dos dados para a questão 189 segundo a variável diagenérica

Variantes	Total de ocorrência das variantes	Sexo Feminino		Sexo Masculino	
		N. de Ocorr.	%	N. de Ocorr.	%
Cueca	8	4	50%	4	50%
Ceroula	3	1	33,33%	2	66,67%
Samba-canção	3	1	33,33%	2	66,67%

Fonte: Autoria própria

A *Tabela 6* registrou que a variante *cueca* foi a mais registrada, documentada por ambos os sexos, perfazendo um total de oito ocorrências. As variantes *ceroula* e *samba-canção* foram documentadas tanto pelo sexo feminino quanto pelo sexo masculino.



Do ponto de vista diagenérico, o léxico dos informantes do sexo masculino apresentou maior produtividade de ocorrências, preservando ainda variantes mais antigas e que estão em processo de desuso, a saber: *ceroula* e *samba-canção*.

Podemos observar na análise da questão 189 que as lexias *ceroula* e *samba-canção* são variantes regionais de *cueca*. Nota-se que foram documentadas um maior número de ocorrências na zona rural próprios de áreas conservadoras, na faixa etária mais velha e pelos informantes do sexo masculino, comprovando mais uma vez a dinamicidade que a língua apresenta, seja por questões culturais ou sociais.

#### 4.3 A ROUPA QUE A MULHER USA DEBAIXO DA SAIA

A análise da questão 190 indicou a ocorrência de 18 lexias, distribuídas assim: a lexia *calcinha* ocorreu oito vezes, seguida de outras variantes, a saber: *calçola*, com cinco ocorrências, *guarnição*, com duas ocorrências, *anágua*, duas ocorrências e *fio-dental*, uma ocorrência.

##### 4.3.1 A dimensão diatópica

A seguir serão apresentados os resultados e considerações levantados em cada dimensão para a questão 190. A *Tabela 7* apresenta dados da variação na dimensão diatópica, demonstrando a presença das variantes para a questão nas zonas Rural e Urbana da cidade pesquisada, em valores absolutos.

**Tabela 7** - Distribuição dos dados para a questão 190 segundo a variável diatópica

Variantes	Total de ocorrência das variantes	Zona Rural		Zona Urbana	
		N. de Ocorr.	%	N. de Ocorr	%
Calcinha	8	4	50%	4	50%
Calçola	5	2	40%	3	60%
Guarnição	2	2	100%	0	0%
Anágua	2	2	100%	0	0%
Fio-Dental	1	0	0%	1	100%

Fonte: Autoria própria.

Do ponto de vista diatópico, nota-se que o léxico dos informantes tanto da zona rural quanto da zona urbana sofreu variabilidade, apresentando tanto formas já em desuso a saber: *calçola*, *guarnição* e *anágua* como também uma variante que está sendo utilizada nos dias atuais, a saber: *fio-dental*, como pode-se observar no exemplo a seguir.

INQ.- Que roupa a mulher usa debaixo da saia?

INF.- *Calcinha*.

INQ.- Você sabe como as pessoas chamavam antigamente?

INF.- Não! Maais, hoje em dia as meninas usam um *fio-dental* (risos), uma calcinha bem pequena. (Inq. Zona Rural, Faixa I, Sexo masculino).

A variante *calcinha* foi a mais registrada, documentada por ambas as áreas, perfazendo um total de oito ocorrências. A variante *calçola* também foi documentada por ambas áreas, porém foi mais registrada na zona urbana. As variantes *guarnição* e *anágua* foram documentadas apenas pela zona rural e demarcadas como lexias conservadoras e estão em processo de desuso. A variante *fio-dental* foi documentada como uma peça moderna que as mulheres usam também debaixo da saia.

Assim, nota-se que algumas lexias foram documentadas como restritas as áreas analisadas.

### 4.3.2 A dimensão diageracional

A *Tabela 8* apresenta dados da variação na dimensão diageracional, demonstrando a presença das variantes para a questão 190 na faixa etária I e II da cidade pesquisada, em valores absolutos.

**Tabela 8** - Distribuição dos dados para a questão 190 segundo a variável diageracional

Variantes	Total de ocorrência das variantes	Faixa I		Faixa II	
		N. de Ocorr.	%	N. de Ocorr	%
Calcinha	8	4	50%	4	50%
Calçola	5	2	40%	3	60%
Guarnição	2	0	0%	2	100%
Anágua	2	0	0%	2	100%
Fio-Dental	1	1	100%	0	0%

Fonte: Autoria própria

A *Tabela 8* registrou que a variante *calcinha* foi a mais registrada, documentada por ambas as faixas etárias, perfazendo um total de oito ocorrências. A variante *calçola* também foi registrada pelas duas faixas etárias, porém foi mais documentada por informantes mais velhos. As variantes *e guarnição e anágua* foram documentadas apenas pela faixa etária mais velha. E, a variante *fio-dental* foi documentada apenas por informante mais jovem, como uma lexia moderna e ousada.

Do ponto de vista diageracional, as variantes lexicais *caçola, guarnição e anágua* são sinalizadas no discurso dos informantes como variantes típicas de informantes mais velhos, como demonstra o exemplo:

INQ.- Qual o nome da roupa que a mulher usa debaixo da saia?

INF. – Antigamente chamava calçola. Hoje as pessoa, chama *calcinha*. (Inq. Zona Rural, Sexo masculino, Faixa Etária II).

Podemos observar ainda que, a faixa I, mesmo rememorando ao passado, e sinalizando variantes arcaicas, compara as lexias com as que estão sendo utilizadas hoje, principalmente pelos jovens, como podemos verificar no exemplo a seguir:

INQ.- Qual o nome da roupa que a mulher usa debaixo da saia?  
 INF.- A *calcinha*.  
 INQ.- Também tem outro nome?  
 INF.- Ah, antes as pessoas chamavam de *caçola*. Hoje em dia chama até de *fio-dental* (risos).  
 (Inq. Zona Urbana, Faixa I, Sexo feminino).

Observa-se que a variante *Calçola* também foi documentada no artigo *A variação Lexical do Português falado no Brasil: Reflexões sobre o campo semântico Vestuário e acessórios nos Dados do Projeto ALiB*, de Marcela Moura Torres (2013), permanecendo como variante para *calcinha*. Ressalta-se que também foi registrado no trabalho citado acima a variante *tanga*, distribuída entre as capitais da rede de ponto do Projeto ALiB.

#### 4.3.2 A dimensão diagenérica

A *Tabela 9* a seguir apresenta dados da variação na dimensão diagenérica, demonstrando a presença das variantes para a questão 190 no sexo feminino e masculino da cidade pesquisada, em valores absolutos.

**Tabela 9** - Distribuição dos dados para a questão 190 segundo a variável diagenérica

Variantes	Total de ocorrência das variantes	Sexo Feminino		Sexo Masculino	
		N. de Ocorr.	%	N. de Ocorr	%
Calcinha	8	4	50%	4	50%
Calçola	5	1	20%	4	80%
Guarnição	2	1	50%	1	50%
Anágua	2	1	50%	1	50%
Fio-Dental	1	0	0%	1	100%

Fonte: Autoria própria

A *Tabela 9* registrou que a variante *calcinha* foi a mais registrada, documentada por ambos os sexos, perfazendo um total de oito ocorrências. A variante *calçola* também foi registrada por ambas faixas etárias, porém foi mais documentada por informantes do sexo masculino. As variantes *e guarnição e anágua* foram documentadas também por ambos os sexos, porém a variante *fio-dental* foi documentada apenas por informante do sexo masculino.

Do ponto de vista diagenérico, podemos observar que as variações lexicais ocorreram mais no sexo masculino, preservando variantes antigas e que se encontram em processo de desuso, a saber: *calçola, guarnição, anágua*. A variante *fio-dental* também foi documentada porém apenas por informante do sexo masculino

#### 4.4 CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE AS LEXIAS ENCONTRADAS

Após a análise da pesquisa pôde-se observar que as variantes *sutiã, cueca e calcinha*, foram as lexias representativas para as questões analisadas, documentadas como as lexias que todos utilizam. As variantes *suspensório, samba-canção, anágua e guarnição*, foram as variantes documentadas apenas por informantes da zona rural, demarcadas como lexias arcaicas e que estão em processo de desuso. As variantes *guarnição, anágua, ceroula, samba-canção e califon*, foram registradas apenas por informantes mais velhos. E, as variantes *fio-dental, suspensório e biquíni*, foram as lexias documentadas apenas por informantes do sexo masculino.

Nota-se que no que se refere à variação diatópica (variação em função da variável do espaço geográfico), o léxico dos informantes da zona rural sofreu maior variabilidade, inclusive formas que estão em processo de desuso mostrando a variedade que a língua sofre, principalmente quando usada por pessoas que moram em localidades distantes da zona urbana.

No que se refere à variação diageracional, (variação em função da idade), o léxico dos informantes mais velhos, também sofreu maior variabilidade, documentando assim, lexias arcaicas.

Faz-se necessário explicar que os arcaísmos, de um modo geral, são expressões, palavras ou usos de sintaxe que já não são mais de uso corrente entre os falantes. É, contudo, um conceito considerado relativo para vários linguistas, e mesmo sua classificação não encontra consenso geral.

Para Mattoso Câmara Jr. (1996) arcaísmos são “vocábulo, formas ou construções frasais que saíram de uso da língua corrente e nela eram vigentes”. Ainda segundo o autor, as causas dos arcaísmos, relacionam-se a fatores internos e externos.

Assim, podemos perceber que a língua é um fenômeno em constante mudança, por conta dessas mudanças serem inerentes à própria sociedade. Dentre tantos outros aspectos importantes revelados nesta pesquisa, comprova-se mais uma vez o caráter dinâmico, mutável e variacionista que a língua apresenta, sejam por condições diatópicas, diagenéricas, sociais, culturais, a língua sofre mutabilidades porque a evolução lhe é inerente e, sobretudo, aceitável.

Nota-se que neste jogo dialético entre inovação e conservação, a fala retrata elementos antigos, aceita as inovações e parte incessantemente para uma conseqüente variação, movida por razões sociais e culturais. Essas transformações podem ser trazidas pela evolução dos meios de comunicação, cuja influência exerce um papel significativo nas mudanças dos hábitos linguísticos, ou ainda, pelo deslocamento dos habitantes de uma região para outra, o que acabam provocando, não só uma reconstituição demográfica, mas também mudanças irreversíveis nos usos linguísticos da comunidade, promovendo uma irretroativa quebra de limites e de fronteiras.

Quanto ao aspecto pesquisado, ficou claro que a variação linguística se mostra como fonte reveladora de consciência, tanto individual quanto ao gênero e coletivo quanto ao espaço.

Dessa forma, podemos observar como o homem transparece à sua dimensão social no que se refere à linguagem, como também sua função de transformador no que se referem aos valores, crenças, hábitos, influenciados, por diversas transformações ocorridas em uma sociedade. Transformações essas que refletem no comportamento do homem, no seu jeito de pensar e, sobretudo, na sua forma de se expressar, inovando determinadas situações e preservando outras.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabe-se, que a Dialetoologia tem por objetivo identificar, descrever e situar os diferentes usos em que a língua se diversifica, conforme a distribuição espacial, sociocultural e cronológica. Nessa perspectiva, o interesse desta pesquisa não esteve voltado apenas no registro de dados intercomparáveis, mas, sobretudo, na verificação e na análise desses dados.

Num estudo de cunho dialetológico, é fundamental ter informações históricas, sociais, culturais e econômicas da área selecionada para estudo. Esse tipo de conhecimento é importante na medida em que o léxico de uma língua é um repositório de itens de referência ao universo sócio-cultural do falante. Em outras palavras, os campos lexicais são constituídos de referências sócio-cognitivas que estão diretamente associadas às experiências individuais e coletivas dos falantes, ao seu universo de referências culturais, religiosas, simbólicas. Todas essas referências condicionam o modo como os falantes lidam com o léxico de sua língua.

Assim, uma vez que elas não são fixas, estando sujeitas ao devir histórico, social, político, cultural de cada grupo social, o significado das unidades lexicais a elas associadas é também afetado, o que acaba por determinar a relação que o falante mantém com essas unidades lexicais.

Este trabalho consistiu numa ampliação de uma pesquisa de Iniciação Científica intitulada “O campo léxico-semântico Vestuário e acessórios na fala de jovens da cidade de Mutuípe”, vinculada a um projeto maior, “Glossário de termos conservadores do Vale do Jiquiriçá”, sob a coordenação da Professora Doutora Geisa Borges da Costa.

A pesquisa pretendeu identificar na fala dos usuários da língua materna, as possíveis variantes linguísticas, existentes nas localidades pesquisadas, ao mesmo tempo em que flagrar o processo de mudança do léxico regional a partir da comparação da fala das duas gerações da cidade de Mutuípe.

Analisando os dados da pesquisa, é possível observar que no que se refere à variação diatópica, o léxico dos informantes da zona rural sofreu maior variabilidade, inclusive formas arcaicas, mostrando a variedade que a língua sofre, principalmente quando usada por pessoas que moram em localidades distantes da zona urbana. Verificamos ainda que a faixa etária mais velha sofreu maior variabilidade, preservando lexias mais conservadoras e que estão em processo de desuso.

Dentre tantos outros aspectos importantes revelados nesta pesquisa, comprova-se mais uma vez o caráter dinâmico, mutável e variacionista que a língua apresenta. Sejam por condições diatópicas, diagenéricas, sociais, culturais a língua sofre mutabilidades porque a evolução lhe é inerente e, sobretudo, aceitável. Quanto ao aspecto pesquisado, ficou claro que

a variação linguística se mostra como fonte reveladora de consciência, tanto individual quanto ao gênero e coletivo quanto ao espaço.

Espera-se que a pesquisa possa proporcionar a ampliação do conhecimento de aspectos linguístico-culturais, assim como, contribuir com o objetivo mais amplo do Projeto ALiB: “descrever a realidade linguística do Brasil, no que tange à língua portuguesa, com enfoque prioritário na identificação das diferenças diatópicas (fônicas, morfossintáticas, léxico-semânticas eprosódicas) consideradas na perspectiva da geolinguística” (Cardoso, 2010, p.169).

Participar dessa pesquisa foi uma importante oportunidade de compreendermos a língua como retrato cultural de um povo. Acreditamos que o trabalho em questão possa contribuir com os estudos lexicais que ponham em destaque os vocabulários que estão em processo de desuso. Esperamos, futuramente, dar continuidade a esta pesquisa contemplando outros campos léxico-semânticos que possam ser retratados através da metodologia da Dialetoologia Pluridimensional em Projeto de Mestrado.



## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Nukácia Meyre de A.; ZAVAM, Aurea S. **Variação linguística e ensino: Formação Continuada de Professores da rede pública. Português 3.** Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 2000.
- AMARAL, Amadeu. **O dialeto caipira.** São Paulo: HUCITEC; Secretaria de Ciência e Tecnologia, 1976.
- BAGNO, Marcos. Língua, história & sociedade. Breve retrospecto da norma-padrão brasileira. In: \_\_\_\_\_. **Linguística da Norma.** São Paulo: Ed. Loyola, 2002, p.179-199
- BRANDÃO, Sílvia. **Geografia Lingüística, Ática,** 1991.
- CAGLIARI, Luis Carlos. **Alfabetização e Linguística.** São Paulo: Scipione, 1991.
- CARDOSO, Suzana; MOTA, Jacyra. Um passo da geolingüística brasileira: o Projeto ALiB. In: RONCARATI, Claudia; ABRAÇADO, Jussara (Orgs.). **Português brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história.** Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003, p.39-49.
- CARDOSO, Suzana. **Atlas Linguístico de Sergipe II.** Salvador: EDUFBA, 1995.
- CARDOSO, Suzana. **Geolingüística: tradição e modernidade.** São Paulo: Parábola, 2010.
- COSTA, Geisa Borges da. **Relatório Final do Projeto Glossário de termos conservadores do Vale do Jiquiriçá.** Universidade Federal do Recôncavo da Bahia/Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia: 2014.
- COSTA, Geisa Borges da. **Denominações para “diabo” nas capitais brasileiras: um estudo geossociolingüístico com base no Atlas Linguístico do Brasil.** 212f. II. 2016.Tese (Doutorado) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.
- CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso. **História e estrutura da língua portuguesa.** 2 ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1975.
- COSERIU, Eugenio. **Sincronia, Diacronia e História: O Problema da Mudança Lingüística.** Rio de Janeiro: Presença; São Paulo: Ed. da USP, 1965.
- COSERIU, Eugenio. **Teoria da Linguagem e Linguística Geral.** Rio de Janeiro: Presença; São Paulo: Ed. da USP, 1982.
- FERREIRA, Carlota; CARDOSO, Suzana. **A dialectologia no Brasil.** São Paulo: Contexto, 1994.
- COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB. **Atlas Linguístico do Brasil.** Questionários. Londrina: Editora da Universidade Estadual de Londrina, 2001.
- LEITE, Yone; CALLOU, Dinah. **Como falam os brasileiros.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- LUCCHESI, Dante. **Norma linguística e realidade social.** 2001.

LUCCHESI, Dante. **Sistema, mudança e linguagem**: um percurso na história da lingüística moderna. São Paulo: Parábola, 2006.

MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia. (1996). Variação, Mudança e Norma: movimentos no interior do português brasileiro. In: CARDOSO, Suzana A. M. (org.). **Diversidade lingüística e ensino**. Salvador, EDUFBA.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **Caminhos da lingüística histórica**: ouvir o inaudível. São Paulo: Parábola, 2006.

MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino (Org.). **Documentos do Projeto Atlas Lingüístico do Brasil**. n. 2. Salvador: Quarteto, 2006.

MOLLICA, Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In.: MOLLICA, Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). **Introdução à Sociolingüística**: o tratamento da variação. São Paulo: Editora Contexto, 2003.

MOLLICA, Maria Cecília de Magalhães; RONCARATI, Cláudia. Questões teórico-descritivas em sociolingüística e em sociolingüística Aplicada e uma proposta de agenda de trabalho. **D.E.L.T.A.** v. 17, 2001., p. 45-55. Edição especial.

OLIVEIRA, Dercir Pedro de; ISQUERDO, Aparecida Negri. A nova dialetologia: investigações e resultados. In: RONCARATI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara (Org.). **Português brasileiro**: contato lingüístico, heterogeneidade e história. Rio de Janeiro: 7Letras/FAPERJ, 2003. p. 50-54.

RODRIGUES, Aryon Dall' Igna. Problemas relativos à descrição do português contemporâneo como língua padrão no Brasil. In: BAGNO, Marcos (org.). **Lingüística da norma**. São Paulo: Loyola, 2002. cap. 1. p. 11-25.

SILVA NETO, Serafim da. **Guia para estudos dialectológicos**. 2. ed. melh. e ampl. Belém: Conselho Nacional de Pesquisas, Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, 1957.

SAUSSURE, F. **Curso de lingüística geral**. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SOARES, Magda Becker. **Linguagem e escola**: uma perspectiva social. São Paulo, 1991.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sóciolingüística**. São Paulo: Ática, 1986.

